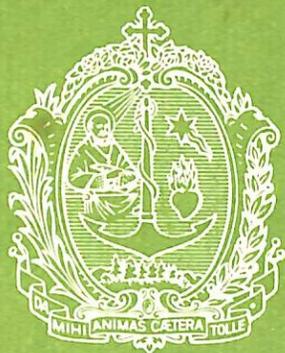


M. Ad Edgar



atos

do conselho superior

ano LXII — julho-setembro, 1981

n. 301

órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana

ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO



atos

do conselho superior
da sociedade salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

n. 301

ano LXII

julho-setembro de 1981

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 P. Egídio VIGANÓ <i>Redescobrir o espírito de Mornese</i>	3
------------------------	--	----------

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 P. Paulo NATALI <i>A estrutura departamental de pastoral juvenil e catequética na Universidade Pontifícia Salesiana</i>	73
-----------------------------	--	-----------

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	(Não há neste número)	
-------------------------	-----------------------	--

4. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR	4.1 Crônica do Reitor-Mor	76
	4.2 O Vigário do Reitor-Mor	77
	4.3 Atividades dos Conselheiros	78

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Coroação do quadro de Nossa Senhora de Rózanystok	86
	5.2 Cardeal Augusto Hlond. Primeiro centenário do seu nascimento	87
	5.3 "Acta Hlondiana"	89
	5.4 Projeto África	90
	5.5 Nomeações	91
	5.6 Solidariedade fraterna (36.º relação)	92
	5.7 Irmãos falecidos	95

1. CARTA DO REITOR-MOR

P. Egídio VIGANÓ

REDESCOBRIR O ESPÍRITO DE MORNESSE

Redescobrir o Espírito de Mornese. Introdução — Um dom novo do Espírito Santo para a Igreja — Necessidade duma exatidão histórica — Preconceitos inaceitáveis — Lembremos o passado (o ontem) para a vida do futuro (do amanhã) — Multiplicidade de pessoas e de acontecimentos pela unidade dum projeto — Nomes e datas que fazem pensar — Coincidências significativas — Uma ampla margem para as iniciativas mornesinas — O patrimônio salesiano de Dom Bosco fundador — Em Valdocco; a canseira do “fundar” — A “unicidade” do Fundador — Os elementos constitutivos do patrimônio salesiano: Um modo original de aliança com Deus; Participação ativa na missão da Igreja; Estilo espiritual próprio; O Sistema Preventivo; Uma forma peculiar de vida evangélica — A contribuição original de Madre Mazzarello — A constelação das origens — A luz própria de Madre Mazzarello — O profundo significado da sua morte — Gesto de perfeição — Solene testamento — O papel de “co-fundar” — O espírito de Mornese — O seu centro de referência — As suas notas importantes — Os seus traços fisionômicos — O Personagem — Delimitações fisionômicas — A nervura ascético-religiosa: O fulcro da obediência; O diamante da pobreza; O esplendor da pureza; A mortificação dos sentidos; O prêmio — O fascínio da identidade salesiana na escola de Madre Mazzarello — Um longo percurso — Um claro propósito — Conclusão.

Caros Irmãos,

o centenário da morte de Santa Maria Domingas Mazzarello oferece-nos a oportunidade de um retorno às fontes para estudar com profundidade a lembrança da nossa identidade.

Esta efeméride nos convida, além disso, a consolidar os fraternos vínculos de comunhão, de serviço e de colaboração com o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

Para a celebração deste evento enderecei às nossas Irmãs uma carta contendo comentário espiritual. Julgo oportuno que vo-la apresente como um documento de atualidade e a ofereça como tema de meditação.

Que a sua leitura sirva para fazer perceber ainda com maior clareza, se disso houver necessidade, a bondade e a iniciativa de Deus na hora das nossas origens e para alimentar sempre mais o conhecimento dos grandes valores que animaram e continuam fazendo viver e frutificar o patrimônio comum da Família Salesiana.

*À Reverenda Madre Geral,
às Superiores e às Irmãs
do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora*

Por ocasião da próxima ocorrência centenária da morte de Santa Maria Domingas Mazzarello (14 de maio de 1881), a senhora, Madre Ersília Canta, teve a gentileza de convidar-me para dirigir uma palavra de participação viva, de afeto espiritual e de orientação a todas as laboriosas e beneméritas Irmãs do Instituto. É o que faço com muito prazer. Sinto-me em casa, em família, com a alegria jubilosa da consanguinidade vocacional, num parentesco de primeiro grau. Muitíssimo obrigado!

Há porém mais que isto: para o “sucessor de Dom Bosco”, um centenário de tão grande significado constitui interpelação e doce responsabilidade para sentir o impulso do Espírito no sentido de aprofundar e de fazer amar sempre a comum herança espiritual que nos envolve no empenho de salvação da juventude.

A figura da Mazzarello e o espírito de Mornese são duas realidades que concernem não apenas às Filhas de Maria Auxiliadora, mas também aos Salesianos e a todos os membros da nossa Família espiritual. O seu aprofundamento proporciona riqueza salesiana a todos.

Estive folheando e relendo as preciosas cartas de Madre Mazzarello que, numa linguagem simples e direta, permitem perceber a essência de sua experiência espiritual.

Meditei também as cordiais e penetrantes “lembranças” que o P. Filipe Rinaldi enviou à Madre Luísa Vaschetti nos anos 1928-31; procurei respirar neles o insuperável clima paterno e o intuito de animação de um sucessor de Dom Bosco que, além de ser santo, soube testemunhar — por congenialidade de coração, por convivência de anos e por amadurecimento pessoal — o seu mais genuíno espírito.

Côncio da importância do convite que me foi feito, não podia restringir a minha palavra a uma saudação formal; por isso, há tempo que me empenho em refletir e rezar para oferecer-vos uma meditação não superficial nem improvisada (infelizmente um pouco longa) sobre os valores e o significado da nossa fraterna comunhão nas origens.

Tive presente o primeiro objetivo que vós mesmas vos propusestes para esta celebração centenária: *redescobrir o espírito de Mornese para renovar nele as comunidades*. Santa Maria Domingas Mazzarello estimula-nos a fazê-lo com competência única, pois se trata de sua obra-prima!

Tanto em Mornese como em Valdocco, encontramos aquela porção de terra santa que nos infunde saudades da terra natal, ao mesmo tempo em que nos enriquece com tantos dados preciosos de crônica histórica. Justamente nós, “com sentimento de humilde gratidão, acreditamos” que a nossa comum vocação “não nasceu apenas de projeto humano, mas por iniciativa de Deus”¹, ou seja, “graças a um dom do Espírito Santo e pela intervenção direta de Maria”².

O P. Rinaldi, por congênita intuição — por ocasião “do 50.º aniversário da santa morte da humilde Serva de Deus, que Dom Bosco colocou como pedra fundamental” do vosso Instituto — apresentava-lhes uma opção perspicaz: convidava-vos a “conhecer e imitar mais a vida interior de Dom Bosco”. Na realidade, ele estava convencido de que o principal mérito de Maria Domingas Mazzarello tinha sido o de ter “sabido reproduzir esplendidamente em si o espírito de vida interior e de apostolado do Fundador, tornando-se por sua vez modelo imitável e especial protetora”³.

1. Constituições SDB 1.

2. Constituições FMA 1.

3. P. Rinaldi, “Lembrança” para o ano de 1931.

UM NOVO DOM DO ESPÍRITO SANTO PARA A IGREJA

Peço-vos que me permitais inicie minha exposição, reportando-me a fatos um tanto distantes; antes de mais nada, com uma observação geral sobre a iniciativa divina da nossa comum vocação.

O Concílio Vaticano II convidou-nos a redescobrir a dimensão “carismática” da vida religiosa e a evidenciar-lhe as riquezas “espirituais”. Nas origens dos Institutos não existe uma “teoria” e um “sistema” de um pensador, porém uma “história” ou uma “experiência” vivida segundo uma docilidade especial e concreta do Espírito Santo. Cada uma das numerosas e variadas “experiências de Espírito Santo” aparecidas na Igreja possui uma ministerialidade própria na missão do Povo de Deus. Por esta razão, cada Família religiosa tem uma “índole própria” com o seu “estilo particular de santificação e de apostolado”⁴ que deve ser novamente compreendido e reatualizado nos séculos sucessivos, à luz genuína das origens.

4. *Mutuae Relationes* 11

Necessidade duma exatidão histórica

O “retorno às fontes” de que fala o Vaticano II não só evoca a matriz evangélica de toda vida religiosa, mas também a multiplicidade histórica dos modos de realizá-la⁵.

Este fato tem como consequência que, para tornar a compreender e reatualizar a própria identidade, uma Família religiosa não pode recorrer somente ao Evangelho. O que vale para todos em geral (o Evangelho!) tem ainda necessidade de ser determinado com precisão, tem que ser refletido e especificado na historicidade duma própria experiência de Espírito Santo. A

5. Cf. *Lumen Gentium* 41-42; *Perfectae Caritatis* 1.

6. *Perfectae Caritatis* 2b. Igreja preocupa-se em salvaguardar-lhe a peculiar “indole” e “missão”⁶ como um dom recebido do seu Senhor. Se o Evangelho constitui portanto, de forma absoluta e para todos, a “Regra suprema”⁷, a diretriz próxima de empenho para cada Família religiosa é o projeto espiritual e apostólico do próprio Fundador⁸.
7. *Idem* 2a.
8. *Idem* 2b.

A história do nosso nascimento salesiano para a Igreja está ligada à aurora duma nova época de civilização industrial e técnica. O dom que o Espírito Santo nos consignou traz em si a beleza e as riquezas duma novidade religiosa: fomos chamados a testemunhar e a lançar para o futuro os valores permanentes da seqüela radical de Cristo numa sociedade que se secularizou e tornou-se pluralista. Urge que renovemos a consciência duma missão tão exigente; assim saberemos enfrentar a hodierna transformação cultural sem deixar-nos envolver pela opinião de que o surgimento duma nova cultura implica no desmoronamento da nossa vida religiosa.

Não podemos pensar que em Valdocco e em Mornese o Espírito Santo tenha tido uma previsão tão limitada do futuro da humanidade: somente até o ano 2000! Sabemos, pelo contrário, pela experiência dos séculos, que o aparecimento dos grandes fundadores fala ao historiador da Igreja a respeito da oportunidade destas suas intervenções; eles aparecem programados em função do futuro; mostram-nos, em todos os séculos, uma das mais relevantes consequências da ressurreição pascal: que o verdadeiro Senhor da história é Cristo!

Preconceitos inaceitáveis

Por isso, devem ser desencorajadas certas sutis teorias apriorísticas em voga, que alguns teóricos da vida religiosa aceitam com demasiada facilidade.

— Uma dessas opiniões estaria apregoando que, na história da vida religiosa, tudo é julgado e medido com base nos grandes modelos do monaquismo: assim, a vida religiosa se teria manifestado em sua plenitude nas antigas formas monacais; queiramos ou não, as formas posteriores implicariam uma tal qual decadência. Em nossos dias, o desafio dos tempos estaria demonstrando a precariedade dos Institutos de vida ativa que teriam enfraquecido a nitidez da consagração; para não morrer, esses institutos deveriam encaminhar-se para um novo monaquismo.

— Outra teoria, que podemos dizer oposta, defende o ponto de vista de que a vida religiosa surgiu, no início, antes como um embrião, em forma não plena porém germinal, para depois crescer e aperfeiçoar-se ao longo dos séculos. Seu desenvolvimento se teria intensificado, ultimamente, com a aceleração das mudanças e teria chegado ao seu amadurecimento nos Institutos seculares, os quais representariam hoje o estágio mais perfeito da vida consagrada. E desta maneira toda a vida religiosa, nas suas diferentes formas históricas, já estaria como que superada; donde então a sua crise atual.

Vemos de imediato que nenhuma destas duas posições respeita cada uma das iniciativas do Espírito Santo nos múltiplos carismas dos fundadores.

De acordo com tais opiniões, na prática existiria um único carisma fundamental de vida consagrada (como modelo já feito ou como semente a desenvolver) e hoje os sinais dos tempos estariam convidando as nossas duas Congregações a uma guinada em direção a um daqueles dois ideais indicados: um tipo qualquer de monaquismo ou uma forma de Instituto secular, segundo a opinião que mais nos agradar.

Nós, pelo contrário, partimos duma constatação bem diferente. Estamos humilde e profundamente convencidos de que o nosso projeto de vida evangélica é de modo especial válido precisamente para o futuro, porque encerra em si, em virtude dum novo dom do Espírito, uma adequação original da vida religiosa aos tempos. Até melhor: experimentamos (também por meio da florente pluriformidade da nossa Família salesiana) que não existe oposição, mas sim complementaridade e mútua emulação entre as diversas variedades de Institutos religiosos e de formas de vida consagrada na Igreja. E esta conclusão ajuda-nos a ser mais fiéis e a aprofundar continuamente os valores da nossa vocação.

Não acredito tenha sido inútil acenar para estas estranhas opiniões; embora apenas insinuadas na mente, elas solapariam pela raiz os grandes temas do centenário que estamos celebrando. Infelizmente não se trata de opiniões inventadas artificialmente.

LEMBREMOS O ONTEM PARA A VIDA DO AMANHÃ

Cem anos atrás, em 1881, Mornese aparecia-nos envolta em densa bruma; contemplávamo-la de longe, com olhar triste: nela tinham permanecido somente túmulos muito queridos. Hoje é "terra de sol", torrão fecundo e sagrado, rico de reminiscências dinâmicas! Bela e mirando o futuro, ela infunde realmente no coração saudades como da própria terra! A vida que ali nasceu, há mais de cem anos, cresceu e continua.

Também em Mornese: o futuro começa ontem!

Rememoramos tudo isso (e também com um pouco de saudade porque está envolvido o nosso coração com todos os sentimentos!) não

para refugiar-nos no passado, mas para nos renunciar para o futuro.

Recordamos uma morte, no entanto falamos de nascimento; o evento se deu em Nizza, e pensamos em Mornese; damos à Madre 44 anos e 5 dias de idade (poucos!), e a nossa contagem preocupa-se com a medida dos séculos.

Por quê?

A resposta é fácil para quem crê num novo dom do Espírito Santo, porque se trata dum patrimônio espiritual nascido há pouco tempo na Igreja. A morte de Santa Maria Domingas Mazzarello é objeto de celebração e não de dor, porque é um gesto que exprime em síntese toda a sua vida no Espírito.

- *A aurora de 14 de maio de 1881* assinalou o “dies natalis” da Madre. A sua vida terrena fragmentou-se como um sacramento de doação; ninguém demonstra amor maior do que aquele que se dá a si mesmo, e a Madre oferecera-se como vítima para o futuro do Instituto. Há mortes que, imitando aquela de Cristo na cruz, proclamam a abundância de perfeição no coração; não são simplesmente a derradeira gota duma existência; mas o seu fruto mais maduro: a sua hora!

- *A cidade de Nizza Monferrato* foi o lugar geográfico do falecimento; tem uma dimensão própria de história e uma reserva particular de valores. Mas o que nisso encontramos de mais precioso é a sua fecundidade de terreno de transplante para a jovem árvore que brotou e cresceu em Mornese. Nas suas estradas, não respiramos ar de baírrismo, mas somente gratidão, admiração, comprometimento. Sim, nós em Nizza vemos o campanário de Mornese.

- *Madre Mazzarello morreu jovem*, depois de apenas oito anos e pouco mais de nove meses de profissão como Filha de Maria Auxiliadora.

Apesar disso, na sua existência descobrimos original *experiência de Espírito Santo* que continua viva no tempo e que, através da longa duração dos séculos, sempre se há de referir ainda a ela.

Eis a razão por que, celebrando o centenário da sua morte, relembramos os fatos para o dia de amanhã!

- *Uma experiência de Espírito Santo*, como é o “patrimônio salesiano” de Dom Bosco, não atinge a sua estatura perfeita na morte do Fundador e dos seus mais importantes colaboradores; muito pelo contrário, naquele momento encontra-se apenas nas suas origens, como um recém-nascido que goza de boa saúde.

O Espírito deu-lhe vida e uma fisionomia própria em vista do crescimento, em sintonia com o corpo de Cristo que é a Igreja sempre em desenvolvimento. É o próprio Espírito que insere esse dom novo num futuro histórico que abrange colaboradores, discípulos e sucessores, em que Ele se empenha em proporcionar todos os elementos necessários para fiel comunhão e participação com a fonte inicial⁹.

9. Cf. *Mutuae Relationes* 11.

- *Assim, a “experiência salesiana” não foi feita uma vez para sempre* e de maneira uniforme, nem em Valdocco nem em Mornese; não é um monumento de mármore, mas é uma vida de Espírito Santo; e a sua vitalidade de transplante, de adaptação e de crescimento é imprevisível, embora numa fidelidade que cuida do desenvolvimento das feições de um mesmo rosto bem definido.

Dizíamos que o Concílio nos falou dum retorno às origens; e o fez precisamente para insistir na homogeneidade da evolução do dom inicial; as origens constituem o quadro de referência, para com isso proceder a uma revisão, para que continue água clara e genuína como a água fresca das nascentes, evitando possíveis contaminações do lugar percorrido.

* *Deter-se para meditar sobre o significado vital da morte* de Madre Mazzarello torna-se para nós uma verdadeira oxigenação para o futuro. Procuremos contemplar no passado aquelas energias de Espírito Santo que foram semeadas em Mornese um século atrás, exatamente com a finalidade de fazer nascer, no âmbito feminino, o carisma salesiano dado a Dom Bosco, e retornemos às fontes de tal dom do Espírito para fazer que cresça e para adaptá-lo a outros países e em outros tempos.

* *Além disso, celebremos a nossa comunhão com a Igreja celeste. Santa Maria Domingas Mazzarello vive hoje com São João Bosco;* na glória continuam percorrendo juntos os caminhos da história e continuam presentes na Congregação dos Salesianos de Dom Bosco em vosso Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e em toda a Família salesiana: vínculo vivo e glorioso entre origens, presente e futuro! É a comunhão misteriosa e real entre Igreja peregrina e Igreja celeste, pois nós “não veneramos a memória dos santos apenas a título de exemplo, porém mais ainda para que a união de toda a Igreja seja consolidada pelo exercício da fraterna caridade”¹⁰. Desta maneira, o centenário passa a ser a expressão extraordinária desta maravilhosa e insondável realidade que une o Fundador e a Co-fundadora de ontem aos filhos e às filhas de hoje e de amanhã, envolve-os na única e multiforme experiência de Espírito Santo que brotou do coração de Dom Bosco e que foi vivida, já na glória, pela Mazzarello junto com o próprio Dom Bosco e, numa fé operosa e corajosa, pelos filhos e pelas filhas que ainda caminham nas estradas da história e do mundo.

Vós, portanto, não sois criaturas nostálgicas; a nossa dor não é um simples sentimento! Engolfamo-nos, na verdade, na comunhão dos santos para, com eles, procurar razões e energias

10. *Lumen Gentium* 50.

de futuro no passado, empenhados em identificar nas horas da fundação os grandes conteúdos de um particular dom do Espírito Criador e em lançar a sua irrefreável vitalidade de crescimento para mais além de ontem.

MULTIPLICIDADE DE PESSOAS E DE ACONTECIMENTOS EM FUNÇÃO DA UNIDADE DUM PROJETO

Começemos a enumerar alguns dos incontáveis dados esparsos.

Nomes e dados que fazem pensar

Lembramos alguns nomes: mamãe Margarida em Becchi; papai José em Mornese. Regiões com famílias pobres e trabalhadoras, duma cultura campesina cristã que logo se encaminhará para o ocaso.

“Joãozinho” e “Maín” que seguem um caminho diferente daquele costumeiro dos companheiros e companheiras.

Dom Bosco torna-se padre e sente-se chamado a tecer a trama de um original tecido; acompanham-no e o aconselham o P. José Cafasso e o Papa Pio IX.

Maria Domingas Mazzarello sente-se chamada para algo de especial e, finalmente, a colaborar com Dom Bosco: acompanham-na e a aconselham primeiro o P. Domingos Pestarino e, depois, o P. João Cagliero.

1854: proclamação do dogma da Imaculada Conceição de Maria. Respectivamente em Valdocco e em Mornese, surgem a Companhia da Imaculada e as Filhas da Imaculada; nelas são protagonistas o jovem Domingos Sávio e a jovem Angelina Maccagno!

1859: início da Sociedade de São Francisco de Sales em Turim.

1860: o tifo faz vítimas em Mornese; Maria Domingas sente-se convidada a mudar o rumo da sua existência.

1862: O P. Pestarino torna-se salesiano de Dom Bosco; de Turim leva a Maria e a Petronila o primeiro conselho do Fundador: "Rezai, sim, mais fazei o bem mais que puderdes, especialmente à juventude!".

Os anos 60 representam para Dom Bosco o seu engajamento definitivo na devoção a Maria Auxiliadora, em cuja honra constrói a basílica de Valdocco. Já antes, em Mornese, a 24 de maio de 1843, havia sido inaugurada no bairro dos Mazzarellos uma capela dedicada a Nossa Senhora Auxiliadora.

1864: Dom Bosco chega pela primeira vez a Mornese com os seus rapazes num dos famosos passeios de outono: Maria Domingas sente-se fascinada pela sua santidade.

1865: início da construção do famoso colégio (que teria que ser salesiano) em Mornese.

1866: Dom Bosco demonstra ser chamado a fundar também uma Congregação religiosa feminina.

1869: Novamente em Mornese, Dom Bosco deixa quatro importantes conselhos às Filhas da Imaculada (que já vivem em comunidade na casa que o P. Pestarino construiu): exercício da presença de Deus; amor ao trabalho; formação para a amabilidade e para a alegria; zelo pela salvação das almas.

1871: seguindo o conselho de Pio IX e com o consentimento do seu jovem Conselho Superior, Dom Bosco decide a fundação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. É interessante

11. Cf. *Memórias biográficas* 597.

destacar, aqui, que Dom Bosco quer submeter-se ao parecer do seu Conselho e que estabelece para esse órgão um mês de discernimento espiritual; somente depois desse prazo é que lhe pede o parecer¹¹. Trata-se portanto não somente dum assunto importante, como é claro, mas também duma decisão que envolve a vida e a responsabilidade da Congregação dos SDB.

1872, 5 de agosto: Maria Domingas e outras 14 jovens consagram-se ao Senhor: 11 com a profissão religiosa e 4 somente com a vestidura. Dom Bosco apresenta Maria Domingas como a sua superiora, garantindo que a verdadeira “Diretora será Nossa Senhora”.

12. *Cronistoria dell'istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice* III 432 — Roma, FMA 1977.

1874: morte repentina do P. Pestarino; no prefácio das vossas primeiras Constituições, Dom Bosco recomendará às vossas orações “a alma do mui reverendo P. Domingos Pestarino, primeiro Diretor das Irmãs de Maria Auxiliadora, do qual o Senhor se serviu *para lançar os alicerces deste Instituto*”¹². Agora cresce mais a figura de Maria Domingas Mazzarello e o Instituto já começa a expandir-se de forma prodigiosa em outras residências e nas missões.

1879: Mudança para Nizza Monferrato: adeus, Mornese!

1880: reeleição unânime de Madre Mazzarello.

1881: a madre diz a uma sua jovem missionária: “Ofereci-me como vítima ao Senhor”, e Dom Bosco confirma: “Deus se agradou da vítima e aceitou-a”.

1881, 14 de maio: santa morte.

Esta enumeração seletiva de pessoas e fatos nos faz pensar num grande Tecelão que se acha mais além da Mazzarello e bem mais alto que Dom Bosco, o Espírito do Senhor! Dom Bosco torna-se fundador também do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora por força de

um desígnio que não existia nas suas perspectivas e que lhe foi manifestado antes que ele mesmo pensasse em alguma programação qualquer. Dedicar-se-á a esse empreendimento somente por docilidade aos sinais dum explícito plano do Senhor. E Maria Domingas Mazzarello torna-se sua co-fundadora não por sua escolha, mas por um conjunto de circunstâncias providenciais que a convidam, passo após passo, a colocar virtuosamente os seus dotes à disposição de um projeto querido pelo Alto e a preparar-se para ele com iniciativas simultâneas, em seu aspecto de pequeno porte, com as de Valdocco.

Desta maneira, o nosso olhar para o passado, em direção às origens leva-nos a descobrir, sobretudo, um desígnio do Espírito que chegou a Dom Bosco e a Madre Mazzarello por meio de uma explícita e materna intervenção de Maria. Várias pessoas e muitos fatos para um superior Projeto do Espírito Santo!

Coincidências significativas

O projeto divino é tecido também por meio de numerosas condições e situações humanas, que encerram em si certa disposição para uma eventual convergência. Nós encontramos semelhanças impressionantes entre o primeiro Mornese e o primeiro Valdocco, as quais podem ajudar a compreender por que Maria Domingas “simpatizou” imediatamente com Dom Bosco.

O ambiente cultural de ambos é o dos simples, pobres e laboriosos camponeses piemonteses; os dois — João e Maria Domingas — cada um a seu modo, possuem um temperamento forte e realista, de grande capacidade, de ação e de iniciativa, apto a influenciar os outros e a arrastá-los, uma intuição penetrante e um julgamento equilibrado e seguro, um forte sentido do transcendente a ser expresso na ação.

Ambos assimilaram as concretas virtudes populares da gente camponesa, permeadas duma sabedoria cristã que amadureceu entre a enxada e o martelo, como se um semelhante patrimônio precisasse ser salvo para ser transmitido mais além do ocaso duma época.

Em ambos, vê-se crescer um amor de caridade orientado para a predileção pela juventude necessitada. Dom Bosco já se dirige a esta no sonho que teve aos nove anos de idade; depois de oferecer-se a Nossa Senhora aos 18 anos, Maria Domingas empenha-se no catecismo das crianças e das mães e, com 25 anos, logo que sarou, torna-se a alma do pequeno grupo das Filhas da Imaculada, que se dedica generosamente às moças pobres.

A intervenção de Nossa Senhora é portanto claríssima nos dois casos. Em particular, é interessante observar que é sob a sua proteção de Imaculada que vão se preparando os primeiros membros das duas Congregações da Auxiliadora. Dom Bosco é o fundador, o grande “patriarca” do carisma salesiano suscitado na Igreja em prol da juventude! Mas a sua obra de fundação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora deixa amplos espaços de intervenção e de participação ativa para a Mazzarello e para as suas companheiras.

Uma ampla margem para as iniciativas mornesinas

Dom Bosco sabia que as primeiras Filhas de Maria Imaculada, guiadas pelo P. Pestarino, possuíam uma sólida formação espiritual que remontava à escola genovesa do seu amigo, o teólogo Frassinetti, que tão benéfica influência exerceu na região. Tratava-se, portanto, de um grupo de jovens, cuja orientação de seqüela de Cristo dava-lhe segurança para uma adequada incorporação ao seu próprio projeto carismático.

O primeiro contato entre Maria Mazzarello e Dom Bosco, no famoso 8 de outubro de 1864, deixou o coração da Mazzarello magneticamente orientado, como uma bússola, em direção do santo Fundador.

A presença direta de Dom Bosco em Mornese nos anos de fundação será, porém, um tanto esporádica: lá esteve umas quinze vezes. Nos vários encontros, de duração bem limitada, certamente ele tomava conhecimento com solicitude de todo o andamento da comunidade incipiente, fazia observações ocasionais também sobre assuntos práticos, ouvia individualmente cada irmã, fazia oportunas conferências de formação para as noviças, para as professoras e para as superiores. Não tinha tempo para demorar-se muito, justamente porque estava intensamente empenhado na sua obra de fundador; estava garantindo na Igreja a permanência do seu patrimônio de fundação.

Seja como for, tinha encontrado uma maneira prática e eficaz para estar sempre presente em Mornese, de maneira mediata porém bastante válida, por intermédio de algum sacerdote bem qualificado e pessoalmente escolhido por ele. Inicialmente, com o P. Pestarino, tão benemérito já desde os inícios e a partir de 1862 plenamente incorporado ao espírito novo de Dom Bosco; e depois, após a morte do P. Pestarino, sobretudo com o P. João Cagliero, seu lugar-tenente com o título de "Diretor Geral", cargo que exercerá por um longo período de tempo e com uma peculiar incidência: tinha qualidades especiais, uma rica personalidade e uma total e entusiasta fidelidade à experiência de Espírito Santo vivida em Valdocco.

Por conseguinte, Dom Bosco não foi viver em Mornese para começar a fazer, com o grupinho das primeiras jovens, o que com tanta fadiga já tinha feito em Valdocco: formar os seus primeiros discípulos. Não; e penso que

seja por dois motivos. O primeiro, porque a sua “experiência carismática” já tinha amadurecido e estava autorizadamente reconhecida pela Igreja, e podia muito bem ser um ponto de referência para uma experiência espiritual feminina, incipiente e plenamente afim, diria “consangüínea” dela.

O segundo, porque tinha encontrado providencialmente aquele grupinho de jovens animadas por Maria Domingas Mazzarello, que fora fundado e tinha sido preparado com uma especial intervenção do Espírito Santo (que tudo guiara e guiava) e porque estava convencido de que semelhante grupinho, sob a direção de algum sacerdote seu, válido e santo, saberia de modo original e no estilo feminino assimilar, na santidade e no apostolado de serviço em favor das meninas e das jovens, o “espírito de Valdocco”.

O PATRIMÔNIO SALESIANO DE DOM BOSCO FUNDADOR

Logo, exatamente para poder falar de Madre Mazzarello e entender o seu segredo mais íntimo e o seu trabalho de estruturação do espírito de Mornese, é necessário reportarmo-nos à original experiência de Espírito Santo iniciada e vivida por Dom Bosco. Ninguém jamais poderá compreender “Mornese” sem “Valdocco”.

Semelhante afirmação torna-se ainda mais importante se pensamos que o Espírito do Senhor fez com que Mazzarello se encontrasse com Dom Bosco não para que esse acontecimento ficasse sendo um fato episódico, ligado ao momento histórico das origens, mas antes em vista dum projeto aberto sobre o futuro, que vê os dois e os seus filhos e filhas “vocacionalmente unidos” e encaminhados juntos pelas estradas da história, no serviço em prol da juventude popular e necessitada.

Enfrentamos, por isso, uma reflexão particularmente vital justamente para nós, hoje. Com genuinidade, queremos tentar um sincero e objetivo exame da nossa mútua comunhão no patrimônio carismático das origens, convencidos de que isto garante maior fidelidade nossa a Dom Bosco e a Madre Mazzarello.

Permiti-me por isso, caras Irmãs, alguns breves acenos ao grande centro de referência de toda a nossa Família espiritual que é o *patrimônio salesiano* de Dom Bosco; a sua *experiência do Espírito*¹³ ou o seu *carisma*.

13. *Mutuae Relationes* 11

Aos 20 de abril de 1975, por ocasião do vosso XVI Capítulo Geral, já tive oportunidade de falar-vos a respeito disso. Aqui o faço sob outra ótica, preocupado em aprofundar a vossa comunhão e em captar a organicidade do espírito de Mornese.

Refiro-me sobretudo àquela “experiência” fontal que é o “dom novo” de Valdocco. No passado, tal “experiência de Espírito Santo” era designada globalmente com as fórmulas densas de sentido — “espírito de Dom Bosco”, “espírito de Valdocco” ou “espírito salesiano”. Tais expressões indicavam abrangentemente os vários aspectos e os diversos componentes da experiência carismática de Dom Bosco fundador. Hoje em dia, alguns estudiosos preferem distinguir, na complexidade da praxe vivida pelo Fundador, o que seria “carisma” daquilo que seria “espírito”: frisando com o primeiro termo a iniciativa de Deus nos dons específicos do Espírito Santo e, com o segundo termo, a resposta humana do coração e da mente do Fundador com os vários aspectos ascético-morais e pedagógico-pastorais nos quais ele soube expressá-la.

Estas conceituações exatas, abstratamente claras e em si também úteis, fazem-nos correr o risco de apresentar o nosso tradicional termo “espírito” (espírito de Dom Bosco, ou de Val-

docco, ou de Mornese) com uma significação redutiva, que não interpretaria a totalidade dos elementos objetivos contidos na praxe vivida. Por isso, prefiro usar a expressão ampla de *patrimônio salesiano* de Dom Bosco, ao invés de “carisma” ou de “espírito”; com essa expressão pretendo referir-me ao que hoje se chama globalmente de “carisma do Fundador” (*).

(*) Nos documentos do Concílio Vaticano II *nunca se usa* a expressão “carisma do fundador”; não resta dúvida de que se descrevem alguns dos seus elementos, mas usa-se a terminologia “espírito do fundador”, “inspiração primitiva dos institutos”, “o espírito e a finalidade própria dos fundadores”, “particular vocação do instituto”, “índole própria”, “inspiração primitiva dos institutos” (cf. *Lumen Gentium* 45; *Perfectae Caritatis* 2.20 22; *Christus Dominus* 33.35,1; 35,2; e também *Ecclesiae Sanctae* II 16,3). Deve-se consultar o texto latino; infelizmente muitas traduções foram feitas apressadamente e de maneira imprópria.

O primeiro uso oficial (nos documentos do magistério) da expressão “carisma dos fundadores” encontramos na Exortação Apostólica *Evangelica Testificatio*, do papa Paulo VI. Nesse documento, *renovar-se segundo o carisma dos fundadores* significa pôr em prática quanto dizem os documentos conciliares com respeito à fidelidade “ao espírito dos fundadores, às suas intenções evangélicas, ao exemplo da sua santidade” (*Evangelica Testificatio* 11).

Posteriormente, encontramos um esclarecimento autorizado de Paulo VI a respeito da expressão “carisma dos fundadores” no documento *Mutuae Relationes*, onde se apresenta *uma descrição global da realidade de tal carisma. Nela convergem vários aspectos* (tanto na hora de fundação como na subsequente tradição genuinamente vivida): “Uma experiência do Espírito, transmitida aos próprios discípulos para que a vivam, custodiam, aprofundem e constantemente desenvolvam em sintonia com o Corpo de Cristo em perene crescimento”, ou seja, “comporta também um estilo particular de santificação e de apostolado, que estabelece uma tradição determinada própria, de tal modo que se possam captar adequadamente os seus vários componentes” (“eius objectiva elementa”; *Mutuae Relationes* 11).

Eis por que não quisemos adotar uma terminologia que poderia enfocar a visão do “carisma de Dom Bosco” e do “espírito de Mornese” numa ótica redutiva.

Em Valdocco: a canseira do "fundar"

Sabemos que Deus suscitou Dom Bosco para iniciar uma peculiar experiência de santidade e de apostolado a favor da juventude. Ele próprio tinha — e é um caso singular na história dos fundadores — uma clara consciência de ter sido chamado para "fundar". A sua empresa era das mais árduas. Os fundadores de outros institutos religiosos tinham encontrado colaboradores maduros em virtude, ciência e experiência. Ele, pelo contrário, teve que formá-los para os seus objetivos, promovendo e iniciando rapazes. Teve, sim, um extraordinário colaborador no Papa Pio IX, a quem chamava de "o nosso Co-fundador"¹⁴, mas teve-o mais como inseparável guia na clareza de um discernimento autorizado, na original determinação da forma de vida da Congregação, no magnânimo projeto e na audácia duma multiforme Família espiritual, na força da constância e na coragem da universalidade. No que concerne, porém, à modelação prática de um primeiro grupo de discípulos fiéis que o acompanhassem na experiência cotidiana, teve que procurá-los e educá-los com longa e paciente pedagogia: "Preciso recolher pequenos jovens que queiram seguir-me nos empreendimentos do Oratório. Vós aceitaríeis ser meus ajudantes?"¹⁵

Nesta prolongada e genial labuta pedagógica foi sempre sustentado pela profunda convicção de estar-se adequando a um explícito projeto divino: "Eu mal saberia dizer-vos como é que as coisas foram feitas... Só sei que Deus o queria"¹⁶. "Narrei ao Papa todas as coisas que agora revelo a vós. Ninguém mais ficou sabendo delas. Mas alguém poderá dizer: Estas coisas redundam em glória para Dom Bosco. De forma alguma. A mim só me cabe prestar tremendas contas acerca daquilo que tiver feito no cumprimento da vontade divina. Com este desígnio que o Senhor nos manifestou, eu sempre

14. *Memórias biográficas*
X 6.

15. *Idem* III 548-550.

16. *Idem* XII 78.

fui para a frente e este foi o único escopo de tudo o que até agora realizei. Este é o motivo por que nas adversidades, nas perseguições e em meio aos maiores obstáculos jamais me deixei intimidar, e o Senhor sempre esteve comigo”¹⁷.

17. *Idem* VII 664.

Num primeiro momento, Dom Bosco tentara esquivar-se de ser “o fundador”, mas teve que mudar de opinião; foi realmente o que fez, com todas as suas forças, mas por obediência a uma vontade do Senhor. Sabemos que dissuadiu certo padre chamado Allievi de fundar uma Congregação¹⁸, porque naquele caso não via suficientes dados e explícitos convites de ordem sobrenatural.

18. *Idem* VII 49.

Se dependesse somente dele, bem que gostaria de entrar como membro de algum instituto religioso; não o fez, porém, porque viu que não era essa a vontade do Senhor com respeito à sua pessoa. “A Virgem Maria — garantiu ele mesmo — me havia indicado em visão o campo em que eu devia trabalhar. Possuía portanto o perfil de um plano, premeditado, completo, do qual não podia e não queria absolutamente separar-me. [...] Quis observar com maior diligência se já existia alguma instituição em que eu pudesse ter a segurança de estar executando o meu mandato, mas não demorei a perceber que não havia. [...] Estes foram os motivos que me impediram de ingressar em alguma Ordem ou Congregação de religiosos. Por conseguinte, acabei ficando sozinho e, em vez de unir-me a sócios já aprovados [...] tive que sair à procura, segundo o que me havia sido indicado nos sonhos, de jovens companheiros que eu próprio devia escolher, instruir e formar”¹⁹.

19. *Idem* III 247.

Assim sendo, Dom Bosco é fundador por profunda consciência de docilidade ao Espírito; sabe que vai amoldar-se a um desígnio que lhe foi manifestado do Alto. Será portador de um

“dom novo”, com o qual irá embelezar a Igreja: esta é a sua missão histórica; nela encontramos sua originalidade e grandeza.

A “unicidade” do Fundador

“Falar da nossa ‘originalidade carismática’ — escreveu o P. Ricceri — não quer dizer atribuir a Dom Bosco a genialidade do pensador que descobre novas dimensões teológicas ou antropológicas. [...] Procuramos em nosso Pai a originalidade do ‘fundador’, ou seja, a sua fecunda e genial colaboração naquele dom que o Espírito Santo depositou inicialmente na sua pessoa para fazê-lo crescer e difundi-lo no mundo para a salvação da juventude”²⁰.

20. Ricceri L., *Atos do Conselho Superior* n.º 272.

Com o decurso dos anos, vamos constatando que nos encontramos diante de um santo excepcional de quem se originou (hoje em dia já podemos afirmar o que ontem só se intuía) uma “grande corrente espiritual” na Igreja e que com a tradição viva e a reflexão que se está realizando, vai-se delineando uma “escola verdadeira e original” de santificação e apostolado.

Na história da Igreja são muitas as fundações, pouquíssimas, porém, as verdadeiras correntes ou escolas que permeiam o mundo com um peculiar sopro evangélico.

Nesta perspectiva, Dom Bosco vai-se agigantando no tempo e iluminando a personalidade dos santos da sua escola (por exemplo, o bem-aventurado Miguel Rua etc.), assim como ilumina e guia toda uma crescente Família espiritual, a cuja vista Paulo VI falou acertadamente de “fenômeno salesiano”.

Os aspectos de sua vigorosa personalidade de fundador, que lhe determinam a mais clara e absoluta *unicidade* de iniciador da sua “gran-

de corrente espiritual”, jorram impetuosamente duma *centelha primeira*, que é a intuição genial ou o germe novo que o Espírito Santo depositou no núcleo mais profundo da sua pessoa e que se une solidamente à sua existência e não mais, em absoluto, o abandona.

Temos, em Dom Bosco, a fulguração interior de ser sinal e portador do amor de Cristo para os jovens, magnificamente descrita no seu sonho dos nove anos. Semelhante centelha de Espírito Santo (o germe nuclear da sua personalidade) desenvolve nele algumas características que lhe destacam a unicidade.

— *Antes de tudo, uma originalidade especial*: Dom Bosco não encontra outro caminho para realizar a sua vocação senão o de fundador; vê-se quase forçado a dar início a uma experiência inédita de santificação e de apostolado, isto é, a um reexame do Evangelho e do mistério de Cristo, em dimensão própria e pessoal, com especial maleabilidade ante os sinais dos tempos. Esta originalidade comporta essencialmente uma “síntese nova”, equilibrada, harmoniosa e a seu modo orgânica dos elementos comuns à santidade cristã, onde as virtudes e os meios de santificação têm uma própria colocação, uma dosagem, uma simetria e uma beleza que os caracterizam.

— *Além disso, uma forma extraordinária de santidade*. É difícil estabelecer o seu nível, mas não podemos identificá-la com a santidade do canonizado não-fundador (por exemplo, com a de um São José Cafasso). Essa extraordinariedade, que traz consigo também algo da novidade precursora, exerce uma atração para a pessoa do fundador, coloca-se no centro de consensos e de contrastes, faz dele um “patriarca” e um “profeta”; jamais um solitário, mas, sim, um catalisador e um portador de futuro.

— *Finalmente, um dinamismo gerador de posteridade espiritual*: se a experiência de Espírito Santo não é transmitida, recebida e depois vivida, conservada, aprofundada e desenvolvida pelos discípulos diretos do fundador e dos seus seguidores, então não podemos falar que exista carisma de fundação. Este realce é fundamental: Dom Bosco teve dons completamente pessoais, característicos, que o acompanharam até a morte e que, por disposição divina, fizeram de sua pessoa um “gigante do espírito” (Pio XI), que deixou como herança um patrimônio espiritual rico e bem definido.

As características, pois, de fundador que não se encontram nos santos que foram seus colaboradores e em outros santos (independentemente do seu grau de perfeição na caridade) são: uma especial originalidade, uma extraordinariedade de função na santidade e uma intensa capacidade geradora de posteridade. Tudo isso nós vemos com bastante clareza em Dom Bosco.

Os elementos constitutivos do patrimônio salesiano

Pois bem, o “dom novo” e o “desígnio manifestado pelo Senhor” a Dom Bosco foram uma *experiência espiritual e apostólica* vivida inicialmente em Valdocco, que cresceu e foi exposta com precisão no decorrer dos anos, transplantada com vitalidade em muitas partes e depois canalizada no rio numa tradição suficientemente definida e orgânica. A ela aplicam-se perfeitamente as palavras do documento da Santa Sé sobre as relações entre os bispos e os religiosos: “Uma experiência do Espírito, transmitida aos próprios discípulos para que a vivam, custodiam, aprofundem e desenvolvam constantemente em sintonia com o Corpo de Cristo em perene crescimento”²¹. Esse “patrimônio do Fundador” manifesta-se através de “um estilo par-

ticular de santificação e de apostolado”, vivido “numa tradição pessoal determinada”, que nos permite captar com exatidão e identificar com objetividade os seus componentes.

Mas, quais seriam os *componentes* ou os elementos constitutivos da experiência original de santificação e de apostolado de Dom Bosco?

O P. Ricceri, na circular que acima mencionei, garante-nos que o Capítulo Geral Especial dos salesianos deu uma resposta concreta a essa pergunta; e ajuda-nos a enumerar as linhas fundamentais da originalidade carismática e espiritual de Dom Bosco²². Enunciamo-las simplesmente:

22. Cf. Ato do Conselho Superior n.º 272.

— Antes de tudo, *um modo original de aliança com Deus*, que faz Dom Bosco aparecer como o “patriarca” de uma nova Família espiritual. Trata-se de perceber o mistério de Deus como de um Pai que tem especiais iniciativas a nosso respeito; e trata-se de saber contemplá-lo e ouvi-lo, na fundação desta aliança. Saber experimentar a sua presença na seqüela de Cristo, partindo de uma ótica original que frisa nele a infinita bondade, a alegria e a paz, a incessante preocupação de salvação, a profunda simpatia para com os pequenos e os pobres, a inefável e indissolúvel unidade nele existente entre o amor ao Pai e a redenção do mundo.

Não é fácil definir a peculiaridade desta “aliança”; antes é preciso saber percebê-la e descrevê-la mediante a modalidade concreta com que Dom Bosco viveu e manifestou *as virtudes da aliança*, ou seja, a sua fé, a sua esperança e a sua caridade! O primeiro componente da sua “experiência no Espírito” é justamente esta iniciativa original de Deus encarnada numa “vida interior teologal” animada e sustentada constantemente pela “graça de unidade” que permeia vitalmente entre elas (na caridade pastoral) o amor para com Deus e o amor pelo

próximo, caracterizados pelo dom da predileção pelos jovens²³.

— O segundo componente é o envio da parte de Deus para participar de forma ativa e especializada na missão da Igreja. Trata-se de um envio concreto que vem do Pai através de Cristo e do seu Espírito: “A missão não pode jamais consistir apenas numa atividade de vida exterior: [...] por sua natureza a missão da Igreja não é senão a missão do próprio Cristo, continuada na história do mundo; ela consiste, portanto, principalmente na *co-participação na obediência* daquele²⁴ que se ofereceu a si próprio ao Pai para a vida do mundo”²⁵.

Sabemos que, para Dom Bosco, esta missão passa ininterruptamente através da materna intervenção de Maria que a dirige de forma preferencialmente para a juventude necessitada das classes populares. Ele foi escolhido para tornar-se o amigo dos jovens, o seu guia, o seu pai e mestre; foi-lhe assinalado um espaço particular na Igreja como “missionário da juventude”, principalmente a pobre e carente.

O componente da “missão” não se identifica diretamente com a ação externa ou com a práxis material dum dinamismo humano, pois, se assim fosse, não seria então um elemento “carismático”; é porém, isto sim, o dom de um novo envio autorizado que suscita no coração, com a ajuda da vida interior teologal, uma atitude toda especial de docilidade e de obediência. Tal atitude ilumina e nutre constantemente a consciência duma própria função ministerial na Igreja: ser “sinais e portadores do amor de Deus aos jovens”²⁶, “trabalhar entre a juventude para ajudá-la a alcançar a plena maturidade em Cristo”²⁷.

— O terceiro componente é *um determinado estilo de mentalidade e de vida espiritual*.

23. Cf. a “Lembrança” deste ano: *A vida Interior de Dom Bosco*, Roma 1981.

24. Cf. Hebreus 5,8.

25. *Mutuae Relationes* 15.

26. *Constituições SDB* 2.

27. *Constituições FMA* 1.

É o processo de adaptação das virtudes humanas, do temperamento, das fibras do coração, da experiência de convivência, da criação de ambiente e do clima de vida realizado, sob a égide do Espírito Santo, pelo próprio Dom Bosco para oferecer *uma resposta adequada* ao dom da aliança e da *missão* recebida.

É uma realidade complexa e riquíssima, difícil de definir e que se transmite vitalmente. Implica grande “bondade” com familiaridade e afinidade de comportamento: entre a juventude “não basta amar”, mas é preciso saber fazer-se amar! Implica o exercício do “êxtase da ação” segundo o moto “trabalho e temperança”. Implica vontade de disciplina ascética: o carinho é impossível sem uma atenta mortificação dos sentidos que garanta o esplendor da pureza. Implica uma visão otimista da realidade, inspirada no humanismo de São Francisco de Sales. Implica coragem eclesial e bom senso social para dar testemunho duma catolicidade operosa, sem respeito humano e sem extremismos ideológicos. Implica zelo ardente e criativo pela salvação da juventude, segundo o lema escolhido por Dom Bosco: “Da mihi animas, cetera tolle”.

— Outro componente é o chamado *Sistema preventivo*, ou seja, um peculiar critério e modo de fazer apostolado entre os jovens. Para traduzir a “missão” recebida de Deus numa imediata “pastoral” prática, capaz de encarnar-se nas várias situações históricas e nas diferentes culturas, há necessidade dum conjunto de atitudes espirituais, de critérios apostólicos e de princípios metodológicos que lhe guiam a praxe. Foi o que Dom Bosco soube fazer genialmente sob uma assistência do Espírito Santo tão constante, a ponto de ter que afirmar que o seu projeto pedagógico-pastoral constitui parte integrante da sua “experiência do Espírito”.

Na realidade, não se trata simplesmente duma fórmula programada para o funciona-

mento duma obra, nem dum sistema de conceitos para um tratado de pedagogia, mas duma “sabedoria operativa” e duma “criteriologia pastoral” da mente e do coração do educador: evangelizar educando e educar evangelizando por intermédio da razão, da religião e do carinho.

Foi com razão que assim se expressou o grande papa Paulo VI, ao referir-se aos valores permanentes do sistema preventivo: “Os princípios humanos e cristãos nos quais se baseia a sabedoria educadora de Dom Bosco encerram valores que não envelhecem. Mas é difícil des-cobrir-lhe o segredo, visto que tal incomparável exemplo de humanismo pedagógico cristão... finca as suas raízes no Evangelho”²⁸.

28. Discurso ao PAS, 26 de outubro de 1966.

— Finalmente, um último componente que devemos considerar é a de *uma forma peculiar de vida evangélica*. Dom Bosco escolheu para os seus salesianos (e confirma-o também mais tarde, com mais clareza, com o que quis para as Filhas de Maria Auxiliadora) a forma de vida religiosa marcada por uma prioridade da obediência (com vistas à missão) e por uma maneira “familiar” de viver e de trabalhar “juntos”. Sabemos quanto custou a Dom Bosco este projeto e como o garantiu pacientemente com a redação e a aprovação papal das Constituições.

Ser “Congregação religiosa” e não “Instituto secular” ou uma das outras possíveis associações da Igreja não é um fato espiritualmente indiferente para o grupo interessado e, no nosso caso, para toda a Família salesiana; é, pelo contrário, um elemento integrante e qualificante, a “experiência de Espírito Santo”, vivida e transmitida pelo Fundador a um determinado grupo. Isto influi também em toda a Família espiritual do Fundador, porquanto mediante tal grupo assegura-lhe um centro dinâmico e condensado de identidade e vitalidade.

Dom Bosco foi inspirado pelo Alto a querer para nós uma determinada forma de vida evangélica, maleável e adaptada aos tempos, ágil e disponível para a missão entre a juventude, de harmoniosa penetração entre autenticidade religiosa e cidadania social (ver, por exemplo, o sonho do Personagem dos dez diamantes, em *Atos do Conselho Superior* n.º 300), entre fidelidade à seqüela de Cristo e maleabilidade aos sinais dos tempos, estabelecendo nas Constituições elementos de “direito espiritual”, sendo também eles expressão duma inspiração carismática. Com efeito, no mistério da Igreja como “sacramento” de salvação, que é simultaneamente “Corpo de Cristo” e “Templo do “Espírito Santo”, não existe oposição entre “elementos institucionais” e “valores carismáticos”; há, isto sim, um intercâmbio vital que propicia — na nossa particular “experiência de Espírito Santo — o aparecimento de aspectos institucionais que pertencem, de fato, ao carisma do Fundador.

Por isso, tanto para nós SDB como para vós FMA, constitui também parte do patrimônio herdado por Dom Bosco Fundador um especial projeto comunitário de vida evangélica.

Era oportuno falar primeiro de tudo isto, para poder tratar com mais concretude e profundidade daquilo que admiramos e celebramos como especial obra de Santa Maria Domingas Mazzarello: o “espírito de Mornese”.

A CONTRIBUIÇÃO ORIGINAL DE MADRE MAZZARELLO

No primeiro artigo de vossas Constituições se afirma: “São João Bosco fundou o nosso Instituto... Santa Maria Domingas Mazzarello, participando de maneira particular e com fidelidade criativa do carisma de fundação, tornou-se no Instituto madre e co-fundadora”²⁹.

O cardeal Cagliero deixou-nos um depoimento precioso, pelo qual podemos ver sintetizada a missão de Dom Bosco no que se refere à fundação de vosso Instituto, bem como o papel de colaboração de Madre Mazzarello. “Encarregado por Dom Bosco da direção do novo Instituto — afirma Cagliero — com freqüência tinha que trocar idéias com ele para receber orientações seguras na formação do espírito religioso e moral das irmãs. Com a sua amabilidade de sempre, ele tranqüilizava-me com as palavras: ‘Tu conheces o espírito do nosso Oratório, o nosso sistema preventivo e o segredo de fazer que os jovens nos queiram bem, nos ouçam e obedeçam, amando a todos e não humilhando a ninguém, além de assisti-los dia e noite com paterna vigilância, paciente caridade e benignidade constante. Pois bem, estes requisitos os possui a boa Madre Mazzarello; podemos, portanto, confiar no governo do Instituto e na direção das irmãs. Ela realmente não faz outra coisa senão conformar-se com o espírito, com o sistema e com o caráter próprio do nosso Oratório, das Constituições e das deliberações salesianas; a Congregação delas é semelhante à nossa; tem o mesmo objetivo e os mesmos meios, que ela, com o exemplo e com as palavras, inculca às irmãs que, por sua vez, espelhando-se no modelo da Madre, mais que superiores, diretoras e mestras são ternas mães para as jovens educandas’ ”³⁰.

Que belo e sagaz depoimento esse do cardeal Cagliero! Nele percebemos claramente que Dom Bosco é fundador também do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, que a sua experiência carismática se amplia nessa direção e que a experiência de Madre Mazzarello está toda iluminada e polarizada em direção à do Fundador, para o “patrimônio salesiano” que ela vive e exprime fecundamente no estilo feminino.

30. Memória histórica do cardeal Cagliero, escrita em 1918 e conservada no Arquivo da Casa Geral das FMA, citada por Maccono F., in **Santa Maria Domingas Mazzarello** — Co-fundadora e primeira Superiora Geral das FMA | 274 — Turim, FMA 1960.

Aqui podemos evidenciar também outro aspecto, certamente delicado, porém muito importante.

A fundação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora não diz respeito unicamente à sua vida indepenente num futuro autônomo; mas concerne também à sua inserção no projeto carismático global de Dom Bosco: a sua Família espiritual e apostólica, a que então existia.

Com efeito, Dom Bosco vinculou intimamente o Instituto à sua Congregação, envolveu-lhe o dinamismo apostólico e a projeção missionária e abriu-lhe os serviços no sentido da Associação dos Cooperadores (*).

(*) As primeiras Constituições do Instituto tinham significativamente o título de *Regras ou Constituições para as Filhas de Maria Auxiliadora agregadas à Sociedade Salesiana* (Turim 1885; *Cronistória* III 431ss.). No prefácio, Dom Bosco escreve o seguinte, concluindo uma lista de intenções: “Rezem, também, pela Pia Sociedade Salesiana, à qual estão agregadas, e nas suas orações não queiram esquecer-se de mim que lhes de-sejo todo tipo de felicidade” (*idem* 432).

Sabemos perfeitamente como a Madre Daghero e o P. Rua e todos se preocupavam e sofriam por uma reta aplicação do famoso decreto *Normae secundum quas*, de 1901. E pelo seguinte: se eram obrigados a mudar a forma jurídica de agregação, ninguém na Família queria que isso afetasse a realidade fundacional e espiritual da profunda comunhão salesiana (cf. CAPETTI G., *O caminho do Instituto no decurso de um século*, II, 202ss. — Roma, FMA, 1973). O decreto exigia a separação dos Institutos femininos de votos simples das respectivas Congregações masculinas.

Mais tarde, outro decreto datado de 19 de junho de 1917, com o qual a Santa Sé nomeava o Reitor-Mor dos SDB (*pro tempore*) Delegado Apostólico para as FMA, voltava a introduzir certo vínculo jurídico que, salvando a autonomia própria do Instituto, evocava-lhe a vinculação espiritual (cf. *idem* III, 115ss.). Isto aconteceu em consequência do pedido que o cardeal Cagliero fez ao papa Bento XV, o qual anuiu benignamente à solicitação, estabeleceu e firmou em decreto que o Reitor-Mor fosse nomeado Delegado Apostólico por um

Ele fora inspirado pelo Alto não só para fundar a Congregação dos SDB ou o Instituto das FMA, para que tivessem um desenvolvimento e uma história autônomos, mas para fundá-los no sentido de que fossem vocacional, espiritual e apostolicamente consangüíneos, membros duma mesma Família salesiana, a fim de percorrerem em solidariedade de espírito e de missão as estradas do futuro, no serviço em prol da juventude.

Ele quis, por isso, que o vosso Instituto encontrasse uma fonte de unidade, de apoio e de animação na Congregação dos SDB que explicitamente fundara nos dons e nas funções do ministério sacerdotal.

Pelo amor de Deus, não estamos querendo fazer aflorar nenhuma espécie de dependência: “a sua Congregação está em pé de igualdade com a nossa”; pensamos, isto sim, na realidade e na importância da comunhão, porque “tem o

qüinqüênio. O decreto foi renovado quando expiraram os prazos regulares sucessivos até que, com outro decreto de 24 de abril de 1940, essas faculdades do Reitor-Mor passaram a fazer parte do elenco dos Privilegios Salesianos concedidos por Pio XII.

As formas jurídicas podem muito bem sofrer mudanças, mas o que conta é a nossa fidelidade às origens e o empenho real de crescimento na mútua comunhão de espírito e de missão.

O P. Albera comentava com as seguintes palavras a sua nomeação como primeiro Delegado: “Caminharemos tão juntos, que as nossas mentes e os nossos corações, unidos a Dom Bosco, ajudem-nos a atingir o escopo que ele visava para os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora”.

A Madre Daghero, por sua vez, numa carta-circular que adrede escreveu, externava toda a sua alegria, reconstituía um pouco da história do Instituto, a sua dimensão mariana, e lembrava que Dom Bosco, exatamente por inspiração de Maria, já desde os inícios havia desejado que o Instituto tivesse “o mesmo espírito e a idêntica missão da Sociedade Salesiana” (*idem* III, 119-120).

mesmo objetivo e os mesmos meios... do sistema e caráter próprio do nosso Oratório". Ontem a nossa mútua comunhão exprimia-se com determinada modalidade jurídica; hoje a forma jurídica é outra, mais em consonância com a promoção social e eclesial da mulher. O que importa é evidenciar que um fiel olhar retrospectivo para as origens interpela-nos profundamente com relação a uma nossa maior sensibilidade de Família.

A constelação das origens

Torna-se de verdade um fator enriquecedor estudar em profundidade a figura de Madre Mazzarello, não de maneira isolada e como que independente, mas situando-a no grande quadro de referência do "patrimônio salesiano" de Dom Bosco fundador. Devemos olhar não só para as suas virtudes e méritos pessoais, mas para o lugar providencial que ocupa na hora da fundação, e relacioná-la também com a globalidade das riquezas espirituais e apostólicas de toda a nossa grande Família.

Por outro lado, na hora da fundação não existe apenas Dom Bosco, embora ele permaneça fortemente no centro, com a sua unicidade, como ator principal. Para entender e avaliar melhor a ele próprio e o dom polivalente que o Espírito Santo lhe confiou, precisamos referir-nos também (e já aludimos a este particular) à mamãe Margarida, ao P. Cafasso, a Pio IX, à Madre Mazzarello, ao P. Rua, ao P. Pestarino etc. No momento da fundação, em torno de Dom Bosco movimentam-se pessoas de Espírito Santo bem como um tecido providencial de acontecimentos que colaboram na origem do seu grande patrimônio carismático.

Continua, decerto, sendo verdadeiro e central o que acima dizíamos. Todas estas figuras, em função do projeto divino sobre o carisma

do Fundador, constituem satélites que o cercam e acompanham, aconselham ou ajudam, mas que não o determinam de maneira fundamental. Na realidade, o autor do carisma é o próprio espírito do Senhor, que acendeu a centelha de todo o empreendimento, justamente na intimidade nuclear do coração de Dom Bosco.

Seja como for, devemos reconhecer que, daquele ponto de vista, temos ainda que meditar e pesquisar para termos uma justa visão de todo o designio de Deus sobre a nossa comum vocação. Para uma ulterior reflexão, assinalo algumas pistas.

Até agora se tem insistido prevalentemente sobre cada uma destas figuras como que isoladamente, em face da bondade e atividade de cada uma com referência à própria Congregação ou Instituto. Se as olhamos sob a ótica mais vasta do “patrimônio salesiano” comum e na mais ampla perspectiva da Família de Dom Bosco, amplia-se e melhor se identifica a figura histórica de cada um deles e também a do nosso próprio Fundador.

Em particular, Madre Mazzarello mostra-nos como o carisma salesiano se estendeu adequadamente no mundo feminino. O seu papel próprio tem sido especificamente o de colaborar para criar a “salesianidade religiosa feminina”; e desta forma ela se tornou o instrumento do Espírito Santo para alargar a experiência carismática salesiana em benefício também da juventude feminina.

A luz própria de Madre Mazzarello

A celebração deste centenário oferece-nos uma ocasião extraordinária para contemplar o papel específico e importante de colaboração fundacional de Madre Mazzarello como “primeira e típica religiosa salesiana” na nossa

Família e como ativa Co-fundadora do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

Sem dúvida, o supremo Autor do nosso carisma comum é o Espírito Santo; foi Ele que urdiu o tecido e dotou cada colaborador das qualidades necessárias para realizar com exatidão o papel complementar que lhe foi determinado.

No que concerne ao vosso Instituto, a intervenção substancial de Dom Bosco na sua fundação não só “não violentou o pequeno germe que o Espírito havia suscitado em Mornese por obra de Mazzarello”³¹, mas deixou explicitamente espaço mais do que suficiente para as contribuições da sua criatividade.

O biógrafo da Santa confirma esta afirmação, dizendo que Maria Domingas, ainda antes de se encontrar com Dom Bosco, “por impulso divino já sempre sentira e demonstrara uma clara inclinação a ocupar-se das meninas; ainda jovem e no seu mundo tinha aberto um ateliê modelo para mocinhas e fundara um florescente oratório festivo sem ter experiência e talvez nem conhecimento, ou quando muito tendo poucas noções deles, de oficinas e de oratórios; na casa Maccagno, junto com a boa e suave Petronila, já tinha o minúsculo pensionato; na Casa da Imaculada acolhera outras meninas, e haviam-se unido a ela para ajudá-la algumas colegas suas que a elegeram superiora. Por conseguinte, Mazzarello já se achava à frente duma comunidade, quando conheceu Dom Bosco. O germe da vocação pedagógica, que Deus infundira nela, sem que ela o soubesse, já tinha atingido grande desenvolvimento e amadurecera para dar copiosos frutos. Com efeito — conclui —, quando conheceu Dom Bosco, os seus programas e o seu método, achou que tudo correspondia plenamente aos seus sentimentos; e logo sentiu-se arrebatada para em tudo auxiliar o santo sacerdote na via do bem”³².

31. Colli C., *Contribuição de Dom Bosco e de Madre Mazzarello para o carisma de fundação do Instituto das FMA* — Roma, FMA 1978.

32. Maccano, S. Maria D. Mazzarello | 239.

Compreendemos então por que aquela “natural atitude” de Maria Domingas — que foi notada pelas duas irmãs de Sant’Ana (que Dom Bosco tinha enviado para ajudar a encaminhar a nova fundação) — de plasmar o nascente Instituto com o espírito do Fundador³³ e aquele “feliz empenho em imitar em tudo a Dom Bosco”, observado por Cagliero³⁴, não têm nada de pressão sobre uma ingênua camponesinha. Era a adesão consciente e livre ao chamamento interior do Espírito Santo, que achara em Dom Bosco e no seu carisma a sua explicitação última, o seu definitivo significado.

33. Cf. *Cronistoria* II 26.34. *Idem* II 106.

Além do mais, Madre Mazzarello, em semelhante empenho criativo e vital, carrega todo o peso da sua rica e forte personalidade, da sua capacidade de iniciativa, da sua intuição, amadurecida sob a égide sábia e existente do P. Pestarino³⁵. Quanto mais se estuda o clima, o ambiente e a tessitura das origens em Mornese, mais nítida se percebe a marca deixada pela Mazzarello.

35. Cf. *Maccono, S. Maria D. Mazzarello* I 29-30.

O conjunto destes elementos, harmoniosamente fundidos na fonte das origens, constitui o que foi lindamente chamado de “espírito de Mornese”, que nada mais é do que a contribuição específica de Mazzarello como co-fundadora.

Devemos, até, acrescentar que o espírito de Mornese foi todo modelado no testemunho vivo de Madre Mazzarello; ela o encarnou palpavelmente na sua pessoa durante a sua breve vida de Filha de Maria Auxiliadora e levou-o à plenitude duma frutífera herança espiritual com a sua morte.

O PROFUNDO SIGNIFICADO DA SUA MORTE

Madre Mazzarello deixou definitivamente Mornese aos 4 de fevereiro de 1879. Foi um ato magnânimo de desapego; como que de passa-

gem, para lá voltou de novo a 23 de setembro do mesmo ano, por ocasião do falecimento do seu queridíssimo papai. Daí a alguns meses, a 12 de abril de 1880, era posta à venda até a primeira e histórica casa das FMA em Mornese.

De fevereiro de 1879 a maio de 1881 decorrem apenas dois anos e alguns meses, os quais não se destacam na história do Instituto por alguma novidade espiritual dessumida da sede geográfica de Nizza Monferrato, a não ser pelo transplante sadio e fecundo da árvore de Mornese.

Este biênio de vida da Madre acrescenta ao espírito de Mornese a prova do transplante total. Podemos considerá-lo como o toque conclusivo do “espírito de Mornese” que Mazzarello deu com o gesto mais maduro da sua humilde criatividade de “primeira” Filha de Maria Auxiliadora: a sua santa morte.

Este toque final é ao mesmo tempo “gesto de perfeição” e “solene testamento”.

Madre Mazzarello tinha uma consciência perspicaz (iluminada pela sua profunda união com Deus e sustentada pelas seguras perspectivas de Dom Bosco) do seu papel tão influente e fundamental para o futuro do Instituto. Por isso cuidava que a experiência emblemática dos primeiros anos, isto é, que o “espírito de Mornese” se tornasse um patrimônio rico, pleno de luz, orientador e definitivamente característico, como um modelo abalizado que Deus providenciou para o crescimento do Instituto. Existem afirmações explícitas da Madre, em que transparece esta sua consciência de “pedra fundamental” do futuro grande edifício: “Se o que diz Dom Bosco deve confirmar-se — dizia ela — então a nossa Congregação está destinada a difundir-se por todo o mundo; iremos também até a América: se queremos, porém, que nela sempre se conserve o mesmo espírito e que

sempre se pratique o bem em grande escala, é preciso que nós, as primeiras da Congregação, sejamos não só virtuosas, mas o espelho em que as que vierem depois de nós possam ver resplandecer o verdadeiro espírito do Instituto. Devemos viver, agir, falar de maneira que elas possam e devam dizer: 'Que fervor existia entre as nossas primeiras irmãs!... Que observância!... Que espírito de humanidade e de pobreza!... Que obediência!...' Assim, seguindo o nosso exemplo, poderão continuar a fazer viver entre si o verdadeiro espírito do Instituto. Porque deveis saber que, quando as irmãs forem então muito numerosas, dificilmente poderão ter o fervor que agora podemos ter nós, que somos poucas. Multiplicando-se as irmãs e ampliando-se a Congregação, forçosamente o espírito terá que ressentir-se com isto e o zelo e o fervor aos poucos irão diminuindo. Assim disse Dom Bosco haver acontecido com muitas Congregações. Mas se nós, que somos as primeiras, começamos a ser relaxadas, se não amamos, se não praticamos a humildade e a pobreza, se não observamos o silêncio, se não vivemos unidas ao Senhor, que farão então as outras?"³⁶

36. Maccano, S. Maria
D. Mazzarello | 399-400.

Como são santamente simples e expressivas estas palavras que trescalam o perfume duma verdadeira humildade (simpaticamente ingênua) e manifestam o vivo sentido duma missão histórica recebida da Providência.

Gesto que aperfeiçoa

Pois bem, dizíamos que o toque final do último biênio, que a Madre imprimiu ao espírito de Mornese, comportava antes de tudo *um gesto que aperfeiçoa*.

Trata-se de algo que não foi feito em Mornese, mas que lhe completa e aperfeiçoa os conteúdos. É o sentido profundo e vivido da

própria disponibilidade para o Reino e do desapego do próprio coração absolutamente de tudo (também daquilo que é humanamente mais caro), donde surge a abertura para o transplante: para ir a Nizza, à França, à América ou a qualquer continente que seja. Mais ainda: é a doação de si até a última gota, até à oblação vital da própria existência, até a uma morte que seja expressão de amor e, portanto, que possui ainda o significado de um gesto cheio de fecundidade.

A abertura de amor para o transplante, para o desapego e para a morte é assim inserida pela Madre no espírito de Mornese como seu modo perfectivo e conclusivo. Por conseguinte, o espírito de Mornese não só impregna e faz amadurecer salesianamente a vida recebida, mas, além disso, infunde-a na missão, até permitir doá-la numa morte feita páscoa.

Mazzarello viveu o último biênio longe de Mornese, como que para completar-lhe o patrimônio espiritual: pensou no Instituto mais que em si mesma, visitou as primeiras casas recentemente abertas, acompanhou as missionárias aos portos abertos de par em par na América, foi à França, ofereceu-se como vítima, adoeceu em St. Cyr (onde Dom Bosco a visitou três vezes) e voltou a Nizza para o seu gesto supremo: tudo como digno epílogo da obra-prima de toda a sua vida, o espírito de Mornese.

Solene testamento

O falecimento da Madre em Nizza sela a sua obra de co-fundadora com a assinatura mais autêntica: a dum *solene testamento!* Somente a morte possibilitou-nos descobrir pouco a pouco toda a contribuição, original e determinante, de Mazzarello para o “patrimônio salesiano”. Também por isso tal morte é parti-

cularmente significativa. Finalmente pudemos descobrir qual foi a sua missão histórica!

Na sua função de primeira *Superiora* Geral parecia a todos que teria sido melhor se tivesse vivido mais tempo; mas a morte nos revelou que como *Co-fundadora* do Instituto já tinha exercido e desempenhado otimamente o seu papel específico.

A quem perguntasse por que a Providência dispôs que os anos de Superiora Geral de Madre Mazzarello durassem tão pouco em comparação com os de Madre Catarina Daghero (que a sucedeu) — a qual permaneceu no cargo nada menos que 43 anos — a principal e mais imediata resposta que se poderia dar é justamente esta: a ela coube como tarefa a criação e o amadurecimento definitivo do “espírito de Mornese; e este já era definitivo e realizado na aurora do dia 14 de maio de 1881.

Eis aí a sua delicada e qualificada responsabilidade de co-fundadora.

O papel de “co-fundar”

O verdadeiro papel de co-fundadora começa propriamente em Mazzarello, quando é constituída responsável pelo nascente Instituto. Naquele momento recebe como uma investidora que impregna toda a sua personalidade e confere-lhe um papel específico, muito maior e mais importante do que o de Superiora, embora esteja intrinsecamente vinculada a ele.

A inesperada morte do P. Pestarino, aos 15 de maio de 1874, nem sequer dois anos depois da vestidura e da primeira profissão, pode ser lida em semelhante clave. Foi uma morte que Maria Domingas e as suas companheiras sentiram intensamente, porque o P. Pestarino tivera muita participação no nascimento e no crescimento da experiência espiritual delas; e, segun-

do parecer humano, parecia uma morte francamente prematura; mas a distância do tempo e a ótica da fé fazem-nos pensar que o desaparecimento do P. Pestarino serviu objetivamente também para evidenciar a parte de protagonismo que Mazzarello desempenhou nas horas da fundação.

E aqui poderíamos citar, como que à guisa de comentário paradoxal, a incrível, porém, espiritualmente bastante expressiva, afirmação, quase diria, de missão: “Ainda que, por uma hipótese impossível, o P. Pestarino deixasse Dom Bosco, eu ficaria com Dom Bosco!”³⁷.

37. Cronistoria II 106.

Certamente, como já dissemos, Mazzarello sentiu e viveu conscientemente esta responsabilidade. Nós, hoje, admiramos o seu papel de co-fundação como uma missão sublime e um ônus glorioso; mas ela o desempenhou na mais genuína simplicidade, como que espontânea expressão de docilidade ao Espírito, revestindo-o cotidiana e naturalmente com a máxima humildade.

É curioso observar hoje que por causa de um conjunto de elementos, mas principalmente por causa da naturalíssima atitude de humildade da Madre (mais tarde alguém chegará até a dizer que era “humilde demais” para querer desempenhar um semelhante papel) teve-se que esperar até o processo de beatificação para conferir-lhe justamente o título de “co-fundadora”; e vale observar que tal título foi proposto não pelos de sua casa (Superioras e Superiores nossos), mas pelos peritos da Santa Sé que lhe estavam analisando a vida e a obra; embora naquela época não se atribuísse ao título a densidade semântica que só ficou evidenciada depois das instruções do Vaticano II.

O P. Ferdinando Maccono, que tão a fundo conhecia a Madre e que era o vice-postulador da sua causa, acolhera com júbilo a proposta

feita por Roma, que, no entanto, foi inicialmente suspensa. Somente a 20 de novembro de 1935 (e não sem posteriores polêmicas) o papa Pio XI aprovava definitivamente que à “*Serva de Deus*” cabia verdadeiramente “o título de co-fundadora” do Instituto das FMA.

É um título cujo significado concreto não pode ser unívoco para cada caso em que se aplica (Bento e Escolástica, Francisco de Assis e Clara, Vicente de Paulo e Marillac, Francisco de Sales e Chantal etc.), mas deve ser precisado caso por caso, segundo a atuação histórica da pessoa a quem se aplica, lendo-o evidentemente como correlativo ao respectivo fundador porque efetivamente se trata duma co-fundação. E no nosso caso a história ilumina-o na perspectiva dum Instituto “incorporado” ou “agregado” (os termos são de Dom Bosco) a uma Família espiritual que abrangia, então, a Congregação salesiana e os Cooperadores³⁸.

38. Cf. Nota* pp. 33-34

Não há necessidade que aqui vos fique enumerando os vários argumentos que confirmam a validade do título; deixai-me somente citar uma passagem duma carta inédita do P. Maccono escrita em Nizza, aos 22 de março de 1935, ao então nosso Procurador junto à Santa Sé, o P. Tomasetti: “Permita-me manifestar-lhe inteiramente o meu pensamento [...]. Quem lê atentamente a vida da Mazzarello vê que [...] o fundador é Dom Bosco: exato, mas quem preparou as futuras religiosas, quem as formou, quem as levou a apreciar o sacrifício e a amar também a fome — paupérrimas, até mesmo miseráveis como eram —, quem as sustentou nos momentos mais difíceis, quando tudo parecia desmoronar, foi Mazzarello. Dom Bosco, por sua índole, para evitar falatórios e casos com a Cúria de Turim etc., visitou poucas vezes Mornese (ao todo umas quinze vezes) [...]. Quem agia, era Mazzarello.

Lá estavam os PP. Cagliero e Costamagna; mas ambos *depois* da morte do P. Pestarino. Ambos têm grandes méritos; mas, confidencialmente, faço-lhes observar que eram de caráter bem diferente da Mazzarello e do P. Pestarino, especialmente o P. Costamagna; e que se deve justamente à virtude, à prudência excepcional de Mazzarello se as coisas andavam e andaram bem. Ela era enérgica quando fazia suas observações e por prudência sempre cedia, também quando via que os dois tomavam deliberações erradas (e como os dois eram humildes e retos, eles próprios confessaram isso); por conseguinte, o governo do Instituto tornou-se para a Mazzarello mais difícil; teria sido muito mais fácil para ela se só tivesse que tratar com Dom Bosco e com o P. Pestarino.

Na *vida de Mazzarello* não falo disso abertamente, para não causar estranheza...; mas apego-me sempre à verdade, e um leitor atento vê quantas dificuldades a Mazzarello soube vencer, com a sua heróica prudência, com o seu heróico autodomínio, com o seu semblante sempre alegre e sorridente pelo heroísmo de sua virtude.

Pois bem, por tudo isto e por outros motivos, de minha parte estou convencido de que Mazzarello merece o título de co-fundadora”³⁹.

Portanto: a morte da Santa foi, por um lado, um toque final para o espírito de Mornese, como gesto perfectivo dos seus conteúdos, para que se tornassem transplantáveis por toda parte e sempre; e, por outro lado, retirou o véu que cobria a contribuição pessoal, tão caracterizante e significativa, de Mazzarello na hora da fundação.

O patrimônio central de tal contribuição é o do “espírito de Mornese”, que constituirá para sempre o sangue vivificador do vosso florescente Instituto.

39. Do Arquivo central da Congregação — Casa Geral SDB — Roma.

O ESPÍRITO DE MORNESE

Decerto é bastante delicado abordar em poucas páginas o tema tão vital e complexo do espírito de Mornese. As suas notas características são várias: não é possível analisá-las uma por uma, nem é fácil discernir os nexos que as ligam uma à outra para compor um todo harmonioso e vital.

Por isso, gostaria de limitar a nossa reflexão, que veio se desenvolvendo dentro duma visão global do “patrimônio salesiano”, para identificar algumas linhas mestras que evidenciem os traços característicos do semblante espiritual da Filha de Maria Auxiliadora, na Família de Dom Bosco.

Parece-me ser esta a melhor forma de celebrar a memória da morte de Madre Mazzarello: fixar-lhe as feições que permanecem viçosas e nítidas na tradição viva.

Permito-me fazer uma rápida menção ao que eu mesmo preguei três anos atrás às Inspetorias⁴⁰. Ademais, terei presente o sonho do Personagem com dez diamantes, cuja comemoração centenária a senhora, Reverenda Madre, faz alguns meses me quis lembrar, a fim de que o recordasse ou comentasse. Tenho-me empenhado em estudá-lo⁴¹ e penso que também aqui se poderá agora lançar alguma luz sobre este tipo de reflexão que vos ofereço acerca do espírito de Mornese.

Quando passei a preparar as conferências para as Inspetoras, ao chegar ao tema do “espírito de Mornese” apresentaram-se-me à minha mente duas grandes dificuldades: a primeira consistia no fato de que a descrição corrente de tal espírito parecia-me refletir uma situação cultural e religiosa já superada; a segunda, a de que num primeiro momento não se me afiguravam claras as linhas fisionômicas

40. Cf. Viganó E., *Não segundo a carne, mas no Espírito* — Roma, FMA 1978.

41. Cf. *Atos do Conselho Superior* n.º 300; recomendo-lhes a leitura.

que fascinavam e indicavam uma bela personalidade espiritual; tinha a impressão, ao invés, de ver-vos num conjunto, talvez heróico, de práticas ascético-morais que, hoje em dia, podia também desencorajar.

Foi, porém, somente uma primeira impressão, semelhante à neblina matutina que desaparece com o despontar do sol.

É ponto pacífico que, com o correr do tempo, nenhuma instituição (nem sequer a Igreja) continua vivendo segundo o tipo cultural das origens: a hora primeira permanece como símbolo e os seus heroísmos constituem para sempre um ideal que arrasta.

O estilo de vida em Mornese era, portanto, o reflexo de um "heroísmo" imposto por situações cruéis e por um tipo de pobreza e de mortalidade que não era raro em muitas regiões deprimidas não só do Piemonte. Seria antievangélico querer reconstituir hoje semelhante situação. Também as modalidades de ascese em Mornese obedeciam a cânones locais e da época, já certamente superados.

Hoje em dia, a ninguém ocorre exigir o mesmo tipo de horário, de alimentação, de formação etc. É preciso saber identificar na prática de então os valores permanentes que devem ser reatualizados à luz do Vaticano II, revivendo-os e reexprimindo-os nas formas culturais e religioso-eclesiais de hoje, segundo as diferenças culturais e de situação das casas, garantindo porém a perfeita adesão à ascese cristã e à mais genuína tradição salesiana.

Se não fazemos este esforço de reinterpretacão e de "reaculturação", caras Superiores, Inspetoras e Diretoras, há o perigo (infelizmente não imaginário) de se criarem falsas idealizações, conflitos de consciência, e, sobretudo, corremos o risco de apresentar o espírito de Mornese já não como aquele ideal simpático e

entusiasmante que caracteriza toda FMA, mas como que um espantalho de caverna ascética.

Felizmente, quem viveu em Mornese naqueles tempos nos descreveu de experiência, com páginas imortais, como é que transcorriam os dias, falou-nos de “paraíso” e nos fez perceber um “clima pentecostal”, gritou-nos com alegria: “Como a vida era bela!” (Madre H. Sorbone).

Diante de semelhantes testemunhas, as diferenças culturais entre ontem e hoje tornam-se transparentes. Para mim não foi difícil identificar e admirar os grandes valores, simples e poderosos, do espírito de Mornese, os quais devem permanecer não somente hoje, mas sempre no vosso Instituto.

Quando preguei às Inspetoras, procurei também resolver a segunda dificuldade, estruturando as linhas mestras da herança de Mornese em torno de dois centros de interesse: “o aspecto místico”, que encerra o entusiasmo da vocação, e “o aspecto ascético”, que descreve uma pedagogia de fidelidade. E dizia-lhes: “Quis antes insistir no aspecto místico, porque julgo que talvez se tenha frisado demais o estilo fortemente ascético que mais impressiona ao primeiro exame. Mas a ascese cristã é um fruto; precisamos estar atentos, pois é fruto duma convicta e entusiástica união com Deus!”⁴²

42. Viganó E., *idem* 113.

Hoje, depois do estudo do sonho do Personagem dos dez diamantes, percebo que aqueles dois centros de interesse podem ser aprofundados, determinados com precisão e completados autorizadamente de forma mais clara e como que escultória. É o que procurarei fazer agora.

O seu centro de referência

No espírito de Mornese existe antes de tudo *um dado central*, repetido continuamente

por Mazzarello, que constitui como que um pressuposto, a atmosfera e a estrutura em que se insere todo o conjunto das várias notas: é o “patrimônio salesiano!” Dom Bosco aparece como um centro catalisador que atrai todos os elementos constitutivos do espírito de Mornese e confere-lhe uma fisionomia e uma consistência. Tem-se dito que em Mornese a Mazzarello e as suas companheiras conseguiram traduzir para o âmbito feminino o “dom novo” que o Espírito concedeu a Dom Bosco. É verdade, mas a obra de Mazzarello com as suas companheiras é muito mais do que uma “tradução”.

Em nossos dias fala-se muito de “inculturação” e em certas situações, por exemplo na África, descobrem-se as suas particulares dificuldades e a vastidão básica. Pois bem, a criação da “salesianidade feminina” por obra de Mazzarello aproxima-se mais do complicado esforço de um processo de inculturação do que ao muito mais simples de tradução.

Em Mornese trata-se de viver e de exprimir, com coração e estilo de mulher:

— a originalidade salesiana de *Aliança* com Deus por meio duma vida interior de Fé, Esperança e Caridade catalisadas pelo dom de predileção pela juventude;

— a participação ativa na *Missão* da Igreja com uma consciência viva do envio recebido de Deus para uma especialização apostólica a favor duma juventude necessitada;

— o *estilo de vida espiritual* criado por Dom Bosco em Valdocco (=“um típico modo ascético-místico salesiano”) com as suas variadas e significativas notas;

— o *Sistema Preventivo* com sabedoria operativa ou criteriologia pastoral na maneira de realizar a missão;

— finalmente, a *forma peculiar de vida evangélica* segundo uma clara e concreta opção religiosa, numa congregação maleável e adaptada aos tempos.

A complexidade destes diferentes aspectos permite ver a delicada vastidão e as não pequenas dificuldades do trabalho realizado. O chamado “espírito de Mornese” empenhou-se em cada um destes aspectos: é difícil e perigoso delimitá-lo com algum esquema apriorístico.

Pois bem: dissemos que o espírito de Mornese é obra de Mazzarello com as companheiras. Mas tal espírito refere-se em tudo — qual farol alumador, qual fonte inspiradora e qual pólo a que devemos tender — ao “patrimônio salesiano” de Dom Bosco.

Também hoje, como ontem nas origens, como sempre no futuro, o espírito de Mornese deverá cultivar este valor central, se quer ser autêntico: *o atrativo, o conhecimento, a assimilação, a reatualização do “patrimônio salesiano” de Dom Bosco!*

Garantido este pressuposto, podemos identificar as notas mais salientes que o caracterizam para depois tentar fazer uma leitura um pouco mais orgânica e dinâmica.

As suas notas salientes

Quais são as suas características?

Enumeramos as principais, em certa ordem, mas sem demasiadas preocupações, neste momento, por uma estruturação orgânica delas:

— Antes de tudo: *espírito de fé*; piedade fervorosa, simples, prática; constante cuidado pela união com Deus: fervor pela Eucaristia; certeza da ajuda da Providência; vivo sentido do paraíso; especial devoção a Nossa Senhora, a São José e ao Anjo da guarda.

— Em segundo lugar: *enérgico rompimento com os prazeres mundanos*; íntima e corajosa participação na cruz de Cristo; heróica pobreza e sentido de mortificação; delicada e esplêndida pureza num contínuo exercício de autodomínio na sensibilidade e no coração; forte abnegação; permanente temperança.

— Ademais: *simplicidade de vida*; bom sentido e equilíbrio de julgamento; espontânea predileção pela humildade; trabalho incessante e jubiloso que empresta um tom espartano a cada dia; espírito de família com fácil comunhão fraterna; convivência em santa alegria; instintiva e consciente co-responsabilidade; grande obediência e sentido do dever; admirável exercício da autoridade religiosa, participada comunitariamente e sustentada por cordial confiança; filial respeito por Dom Bosco e pelos superiores.

— E depois: *zelo ardente pela salvação das jovens* no espírito do sistema preventivo; amor materno, ao mesmo tempo terno e forte; amor imparcial que sabe adaptar-se às fraquezas de cada uma; disponibilidade missionária a par dum generoso sentido de Igreja; devota adesão ao Papa e aos bispos; magnanimidade nas iniciativas apostólicas, assumindo, também com sacrifício, as exigências de preparação cultural que elas requerem.

— Finalmente: *sincero apego à própria consagração religiosa*; clara e entusiasta consciência da opção feita com a profissão e vivo sentido de pertença ao Instituto; desejo de conhecer, estimar e praticar as Constituições; ininterrupta preocupação e cuidado pela própria formação e pelas novas vocações que não cessam de chegar.

Tudo isto constituía a grande riqueza espiritual daquela pobre, pequena e mui-jovem primeira comunidade de Mornese. Nela todas as irmãs contribuíam para a formação e para o

crescimento do bem comum, mas quem inspirava e criava e encorajava e guiava e dava exemplo, era Maria Domingas Mazzarello. Ela é, ao mesmo tempo, a principal criadora e o primeiro modelo do espírito de Mornese; na sua pessoa espelham-se, com força existencial e viva, uma por uma todas as notas salientes supramencionadas.

OS SEUS TRAÇOS FISIONÔMICOS

E agora permiti-me uma tentativa curiosa: procurar traçar-vos os delineamentos do semblante salesiano encarnado e embelezado no espírito de Mornese. Foi a senhora, Reverenda Madre, que me deu a inspiração para semelhante tentativa. Com efeito, como apontava linhas atrás, aqui virá em meu socorro *o sonho do Personagem dos dez diamantes*, lido numa dimensão “rinaldiana”, isto é, segundo a sagaz e penetrante explicação que dele fez o P. Filipe Rinaldi, terceiro sucessor de Dom Bosco.

Nós paramos na *primeira cena* do sonho. Agimos assim, para tentar captar uma visão mais orgânica do espírito de Mornese.

É importante poder esboçar esta visão mais orgânica, porque a originalidade e a índole própria duma vida espiritual não residem tanto no elenco das suas notas — as quais efetivamente comportam virtudes que são substancialmente iguais em todos os empenhos de santidade; está, isto sim, na sua disposição, na sua simetria e harmonia global, nos seus mútuos elos e em certos destaques que lhe constituem a fisionomia específica.

Os diamantes do sonho indicam as notas salientes da vida espiritual salesiana: não designam propriamente uma lista de “virtudes”, mas antes um elenco das atitudes e dos valores existenciais que caracterizam um estilo concreto de vida.

Antes de explicar o conteúdo de cada um dos diamantes (cinco na parte anterior: Fé, Esperança, Caridade, Trabalho e Temperança; e os outros cinco no reverso do manto: Obediência, Pobreza, Prêmio, Castidade, Jejum), o P. Rinaldi sublinhava na visão: antes de tudo, o “Personagem” com o manto, como um todo; depois a sua “posição de frente”, isto é, o Personagem visto de frente ou de cara; e finalmente a sua “perspectiva posterior”, isto é, o reverso do manto.

Para o P. Rinaldi, o *Personagem* com o manto e no qual se unificam, como num único esplendor, os brilhos de todos os diamantes, é *Dom Bosco*.

A sua *posição de frente*, com a peculiar disposição dos cinco diamantes no peito e nas costas, mostra o *semblante da vida espiritual salesiana*, ou seja, os traços fisionômicos que devem ser bem visíveis e aparecer claros a todos.

E a sua *perspectiva posterior*, com a estudada disposição dos outros cinco diamantes, descreve a *nervura*, por si mesma não imediatamente visível (deve, portanto, ser mantida preferencialmente reservada), que de trás infunde consistência e energia de constância a tal vida; encerra os segredos do vigor salesiano⁴³.

Pois bem: eu diria que resulta bastante sugestivo aplicar esta tríplice perspectiva do sonho a uma tentativa de leitura orgânica do espírito de Mornese.

○ Personagem

No centro, como personagem que sustenta o todo e para o qual convergem as linhas mestras das características supra elencadas, está *Dom Bosco com a sua fascinante experiência no Espírito*. Nesta nossa explanação já fizemos

43. Cf. o meu comentário, in *Atos do Conselho Superior* n.º 300.

menção a isto; e tudo o que dissemos, embora pouco, para nós aqui já é suficiente.

Qual a preocupação básica de Maria Domingas Mazzarello, das suas jovens companheiras e também do P. Pestarino em Mornese?

Olhar para Dom Bosco! Estar totalmente comprometidos no seu projeto porque inspirado pelo Alto.

Para encarnar no novo Instituto tal experiência no Espírito e revesti-la dos dotes, da beleza e das qualidades femininas, havia necessidade de criatividade maleável e de espiritual maternidade, ambas impregnadas profundamente da máxima e até minuciosa docilidade e fidelidade ao Fundador.

Delineamentos fisionômicos

A disposição dos cinco diamantes na posição frontal do manto ajuda-nos a identificar os traços característicos do semblante salesiano das Filhas de Maria Auxiliadora em Mornese.

Antes de mais nada, *o diamante do coração: a Caridade*, no seu duplo impulso: para o mistério de Deus e voltado para as necessidades da juventude. Fervor de união com Deus com a intensidade feminina da esposa; e zelo ardente pela salvação das jovens com as doçuras da mãe: um coração de virgem esposa impregnado pelo dom materno da predileção pela juventude.

E depois *no peito, perto do coração*, os *diamantes da Fé e da Esperança*: um, com a característica duma permanente visão divina da realidade e da vida, destaca no espírito de Mornese o clima sobrenatural e a profunda piedade; o outro, indicando as razões da consciência e da magnanimidade na projeção apostólica, frisa que o espírito de Mornese foi construído sobre o fundamento de uma segura ajuda do

Alto, principalmente da parte dos dois ressuscitados: Cristo e Maria. O Cristo presente e feito alimento na Eucaristia; Maria presente “em doce ato de amor” como Auxiliadora.

Estes primeiros três diamantes evidenciam o absoluto primado de alguns valores no espírito de Mornese: o dos dinamismos teológicos (“as virtudes da aliança!”) que permeiam toda atitude da Filha de Maria Auxiliadora e constituem o núcleo que confere personalidade e brio a toda a sua vida espiritual.

A dádiva deste ano lembra-nos precisamente que o elemento de maior grandeza de Mazzarello é o de ter sabido imitar e desenvolver em si a vida interior segundo a originalidade característica de Dom Bosco.

Finalmente, *nos ombros, mas na frente e bem à vista, os diamantes do Trabalho e da Temperança*. No Personagem do sonho, estes dois diamantes acham-se ali para sustentar todo o manto. Dom Bosco insistia enormemente neste binômio “Trabalho e Temperança”, os quais farão florescer as nossas Congregações.

Mais acima quis incluir, entre os dados significativos do tecido “pré-natal” do espírito de Mornese, dois breves conselhos que Dom Bosco deu a Maria Domingas e às Filhas da Imaculada: “Rezai, sim, mas fazei o maior bem que puderdes”; e o segundo ponto do horário-programa de 1869: “Amor ao trabalho; mantenho-me com o suor da minha frente!”

São conselhos decisivamente caracterizantes.

O “trabalho” incessante foi certamente uma das notas salientes da vida em Mornese; um trabalho aceito e espontâneo, empastado de amor e de alegria, executado com humildade e tranqüilidade. Um trabalho enriquecido feminilmente também pelas preocupações domésticas da cozinha, roupas e limpeza da casa.

É interessante observar como Dom Bosco, quando trata da oração com as suas irmãs em formação em Mornese, quase que instintivamente passa a fazer menção do trabalho. Para ele, sabemos, a piedade se exprime no trabalho desinteressado, sacrificado; e o trabalho, como ele o entende, não é nem concebível nem possível sem uma intensa e profunda piedade: uma piedade, contudo, que não se coloca ao lado do trabalho, mas que o penetra totalmente e lhe dá o seu último significado.

A seguir, a “Temperança”, isto é, a medida em todas as coisas; devemos vê-la refletida na simplicidade de vida, no sadio critério ou bom senso, no estilo austero e ao mesmo tempo sereno de cada dia, jamais feito de modos grosseiros, sempre embelezado porém pela delicadeza feminina, no autodomínio e no discernimento dos outros com perspicácia e também com um pouco de esperta intuição feminina.

Estes destaques do “semblante” no espírito de Mornese indicam o que uma Filha de Maria Auxiliadora deve saber “pôr em evidência”, o que exprime a sua fisionomia social, o que torna simpática às jovens e a todas as pessoas a índole própria da vocação salesiana de Dom Bosco.

A nervura ascético-religiosa

Finalmente, no reverso, *a nervura do vigor e da constância.*

A disposição dos cinco diamantes da parte de trás do manto revela o segredo ascético e religioso que garante a possibilidade e anima o vigor e a constância da vida espiritual da Filha de Maria Auxiliadora.

Gostaria de assinalar imediatamente que é sobretudo no vasto âmbito duma pedagogia ascética que há necessidade de saber “traduzir

para o feminino”, de forma delicadamente adequada e bastante particular, o estilo salesiano de Dom Bosco.

Foi aqui que a Madre Mazzarello teve uma intuição e uma criatividade totalmente pessoal. Algo disso nos permite entender o biógrafo, talvez sem querer, quando, ao estabelecer um confronto entre a educação recebida de Dom Bosco e a recebida da Mazzarello, afirma que ele — “como aquele que devia ter para com os jovens e os filhos espirituais não só afeto de pai, mas coração de mãe — tinha sido formado para a virtude por uma mãe piedosíssima, sagaz e viril; Maria Mazzarello, pelo contrário, foi formada para a virtude especialmente pelo pai, como aquela que, à doçura própria da mulher, devia acrescentar a firmeza do homem no educar as moças e dirigir as co-irmãs”⁴⁴.

44. Maccono, S. Maria D. Mazzarello | 6.

Cabe a vós, caras Irmãs, perceber e custodiar tantos elementos mais particularmente característicos da vossa herança neste campo: os que já podem ser considerados, por assim dizer, autorizadamente confirmados, depois de nada menos que cem anos de vida vivenciada e de tradição experimentada.

— *O fulcro da Obediência.* No centro do quadrilátero brilha a obediência, para a qual convergem os outros raios.

Se percorreres os colóquios que Dom Bosco teve com as irmãs de então, vereis então que, no seu conjunto, põem claramente em evidência a atitude de alegre obediência. Pelos critérios que ele dita ao P. Pestarino para discernir quais devam ser as “pedras fundamentais” do Instituto (= “as que são obedientes, também nas coisas mais pequenas”)⁴⁵, até a última lembrança que no leito de morte deixa às suas Filhas (“Obediência. Praticá-la e fazê-la praticar”)⁴⁶, predomina a prioridade da obediência. Ele quer que se dê muito peso à

45. Memórias biográficas X 598.

46. Idem XVIII 502.

obediência religiosa ⁴⁷, porque, como o saco sem costura “deixa vaziar tudo, assim a religiosa não pode conservar nenhuma virtude e deixa de ser religiosa, se não tem a costura da obediência” ⁴⁸. Sem dúvida, o estilo alegre de obediência espontânea, cordial e filial só é possível com certo estilo verdadeiramente materno (não materialista) de exercício da autoridade.

47. Cronistoria II 37.

48. Idem II 339.

A obediência religiosa comporta um forte e cotidiano sentido de pertença ao próprio Instituto (em Mornese era tal que dava vida ao nascente Instituto!) e um conhecimento de simpatia acompanhada duma vontade bastante prática de aplicação das suas Constituições.

— *O diamante da Pobreza* frisa no espírito de Mornese a renúncia à comodidade, a fuga de todo aburguesamento e a vontade de prescindir das ostentações da moda; no cuidado, porém, do decoro da pessoa e da digna e modesta apresentação de si. O sentido comunitário dos bens (poucos, na verdade!) e a dependência no seu uso eram naturalíssimos e quase instintivos em Mornese.

O aspecto apostólico da pobreza: os destinatários, o estilo, os meios eram, pode-se dizer, o próprio clima de toda a região. Dali não podia nascer um instituto para gente-bem, para aristocratas. Pelo contrário, Dom Bosco teve até que enviar algumas senhoras e duas irmãs do Instituto da marquesa Barolo para cultivar certo estilo e certas exigências culturais que são indispensáveis a irmãs educadoras da juventude.

É bom que não se esqueça este emblema das vossas origens, como Jesus nunca esqueceu Belém e Nazaré (...“O que pode vir de bom de Nazaré?”). Deve servir ainda hoje para guiar a opção preferencial pelos pobres, feita não com ilusórias ideologias classistas, porém motivada pela “bem-aventurança da pobreza” no

sermão da montanha e vivida com muita profundidade e alegria pela Virgem Maria.

— *O esplendor da Pureza*. Ao apresentar Maria Domingas a Dom Bosco, o P. Pestarino define-a como “um lírio de pureza”⁴⁹. A castidade dela não era obscura, cheia de tabus ou de complexos, mas serena e desembaraçada. “Posso testemunhar — diz uma aluna daqueles tempos — que a castidade era a sua virtude predileta [...]. Na sua compostura pessoal, no seu modo de vestir-se, na suas conversas, em tudo mostrava-se modesta, e muito recomendava esta virtude às moças”⁵⁰. E “nestas recomendações colocava toda a sua alma, e as palavras saíam-lhe do coração tão vivas e acaloradas que as moças ficavam santamente impressionadas e estimuladas a praticá-la”⁵¹.

A Madre queria o desembaraço, a franqueza, a simpatia, mas não as denguiques, os gestos e atitudes afetadas.

Neste campo, as suas preocupações pedagógicas eram exigentes justamente para poder aplicar a bondade do sistema preventivo. Penso que, neste ponto, Maria Domingas teve que se propor e resolver vitalmente um problema novo e importante.

Sabemos que para Dom Bosco “a educação é coisa de coração” e que uma caridade que se traduz em bondade, em simpatia, em amizade, isto é, em “carinho” constitui o cerne do seu projeto educativo. Sabemos que na casa salesiana não basta que os jovens sejam amados, mas que eles próprios “saibam que são amados”⁵². A transposição de tudo isto para um ambiente salesiano feminino devia certamente fazer surgir algumas dificuldades; o risco consistia em ou deixar-se arrastar pela emotividade e pelo sentimentalismo, comprometendo tanto a própria consagração na castidade como a ação educativa, ou reprimir de tal modo os

49. Maccono, S. Maria D. Mazzarello | 206.

50. *Idem* 121.

51. *Idem* 122.

52. *Memórias biográficas* XVII, 111.

movimentos do coração a ponto de trair o sistema educativo de Dom Bosco.

Na *Memória histórica* do cardeal Cagliero estão registradas as seguintes palavras que a Madre dirigiu às suas irmãs de Mornese: "... Nós que temos a mesma missão junto às juvenzinhas, devemos usar o coração como Dom Bosco: mas Dom Bosco é um santo, e nós ainda não o somos; por isso devemos ter medo de nós mesmas, porque por natureza nós e as moças somos mais coração do que cabeça! E, ainda por cima, coração sensível, pegadiço e fraco"⁵³.

53. Maccono, S. Maria D. Mazzarello II 135.

Cagliero conservou-nos também outro depoimento: "Lembro-me de como na sua última doença, no derradeiro colóquio comigo, na noite da véspera de sua morte, recomendou-me, depois dos assuntos da sua alma, a vigilância sobre as veleidades do coração, a tendência para pieguices e afeições demasiado humanas e sensíveis que parecia haverem-se introduzido na comunidade"⁵⁴.

54. Idem 234.

Madre Mazzarello resolveu brilhantemente este problema com o exemplo da sua vida. Ela, de quem o P. Pestarino diz que é "de coração muito sensível"⁵⁵, "exercia o cargo de superiora como verdadeira mãe; não tinha pieguices, era antes resoluta, mas com muita capacidade de persuadir"⁵⁶.

55. Idem I 207.

56. Idem II 239.

Repensando nos primeiros anos, Henriqueta Sorbone testemunha que "o seu governo era enérgico, resoluto, mas bondoso: tratava-nos com franqueza, sim, porém amava-nos como uma verdadeira mamãe religiosa; tinha um não sei quê que nos impelia para o bem, para o dever, para o sacrifício, para Jesus, com certa suavidade, sem violência; ela via tudo, previa o bem e o mal de todas as filhas, sempre pronta para providenciar tanto para o físico

57. Idem 240.

como para o moral, segundo a necessidade e a possibilidade”⁵⁷.

Julguei bom demorar-me um pouco neste aspecto porque encerra muita parte da ascética salesiana e porque constituiu um dos pontos mais delicados na obra de transposição para o feminino do patrimônio salesiano de Dom Bosco.

Na nossa espiritualidade, este aspecto tem uma importância especial, o qual ultrapassa a castidade como tal, porque vai à procura do seu “esplendor”: não só ser castos, mas brilhar por meio de um simpático esplendor da nossa pureza.

Seja como for, apesar de toda esta importância e originalidade, apesar de sabermos quanto Dom Bosco insistia na pureza, o sonho coloca o diamante da castidade na parte de trás do manto e em subordinação à obediência. Há que se refletir a respeito!

— *Abaixo do diamante da Castidade está o do Jejum.* O P. Rinaldi nos diz que não se refere somente à comida e às bebidas, mas à *mortificação dos sentidos*, como que para indicar-nos que a bondade salesiana precisa do esplendor da pureza, mas que isto se torna impossível sem uma disciplina de ascese.

Pois bem, se algo existe no espírito de Mornese que aparece a alguém de forma clara e concreta e emerge, diria vigorosamente, da biografia da Madre e dos primeiros três volumes da “*Cronistória*”, é precisamente a familiaridade cotidiana com a mortificação e a abnegação. Em Mornese vivia-se um enérgico rompimento com os prazeres mundanos e uma generosa e laboriosa participação na cruz de Cristo. Basta que recordemos a memorável conferência de Madre Mazzarello no fim de 1880, quando afirmava, quase que à guisa de testemunho: “De per si, a vida religiosa é uma vida de sacrifício, de renúncias e privação; a vida de comunidade e o cargo

já impõem, com freqüência, que nos mortifiquemos... e bastará isso? Não, não! Uma boa irmã não se contenta com o que as circunstâncias trazem consigo; mas encontra a maneira de caminhar mais para frente por amor do Senhor, das almas e da sua pobre alma. Existe a mortificação da cabeça, da vontade, do coração, dos sentidos; existe a obediência, existe a humildade, que sabem pedir-nos muito, mesmo que nenhum olho e nenhum ouvido humano perceba isto. Irmãs e filhas minhas: pobreza e mortificação, obediência e humildade, observância das Constituições e castidade, são todas virtudes tão unidas entre si que constituem como que uma só. [...] Se queremos tornar-nos santas... (quem é que não o quer?... ponha-se de pé aquela que não o quer!...) devemos praticar todas estas virtudes; juramo-lo diante do altar, e os nossos anjos da guarda escreveram o nosso juramento em letras de ouro, para no-lo lembrar com freqüência e para colocá-lo à nossa frente na hora da morte". E ela conclui: "Sejamos freiras de verdade, no sério, e que o ano novo seja deveras, para todas, vida nova!"⁵⁸.

Em Mornese, a abnegação e a mortificação eram propriamente de casa: o próprio Dom Bosco manifestava a Cagliero "a sua grande surpresa" por encontrar tanta capacidade de desapego do mundo e de atração pelo mistério da cruz⁵⁹; chegou até a parecer-lhe quase exagerada; com efeito, depois do estilicídio das mortes em idade jovem intervirá mais vezes diretamente para suavizar o rigor do estilo de vida⁶⁰.

No que concerne a certo setor de mortificação particularmente útil para a psicologia feminina, a Madre insistia nos seguintes aspectos: "Fugir da vaidade que impede todo bem, ser sinceras a todo custo, porque o ócio é a ferrugem da alma"⁶¹. Os defeitos que com mais assiduidade combatia eram a vaidade, a ambi-

58. Cronistoria III 300-301.

59. Cf. Maccono, S. Maria D. Mazzarello I 148.

60. Cf. Cronistoria II 235-236, 249-250; Maccono, idem II 59-60.

61. Cronistoria I 127-128.

ção e os subterfúgios, e inculcava-nos muito — depôs a Madre Eulália Bosco — que procurássemos comparecer belas diante de Deus e que imitássemos Nossa Senhora”⁶². Em outra passagem afirma-se que, “como em Mornese, assim em Nizza, os vícios contra os quais se falava com mais frequência eram a vaidade e o fingimento, e ai daquela que dissesse uma mentira ou fingisse uma bondade que não possuísse”⁶³.

62. Maccono, S. Maria
D. Mazzeo | 421-422.

63. Idem | 104.

A exigência dum “jejum ascético” toca, portanto, as fibras vivas do coração, dos sentidos e da psicologia feminina.

À guisa de conclusão de todo este intenso empenho ascético, parece-me oportuno, até mesmo sintomático, lembrar também o famoso *sonho das castanhas*, no qual são sugeridos a Dom Bosco alguns critérios de discernimento sobre a idoneidade das candidatas para a vida do Instituto. Também isto ajuda a precisar certas exigências do espírito de Mornese.

“Tira a prova — diz a mulher do sonho — metendo-as na água, dentro da panela. A prova é a obediência... Deixa que cozinhem. As estragadas, se a gente as espreme com os dedos, logo esguicham para fora o gosto ruim que têm dentro. Joga-as então fora. As ocas, ou vazias, vêm à superfície. Elas não ficam embaixo com as outras, mas querem de qualquer jeito vir à tona. Pega-as com a escumadeira e joga-as fora. Repara também que as boas, quando já cozidas, levam algum tempo para serem limpas. É preciso antes tirar-lhes a casca, depois a película. Então parecerão a você bem branquinhas; no entanto, observa bem que algumas são duplas: abre-as e verás no meio outra película, e ali escondido está o sabor amargo”⁶⁴.

64. Memórias biográficas
XV 366.

A metáfora revela todo um delicado exercício de discernimento e de pedagogia ascética.

— *Finalmente, o diamante do Prêmio.* O olhar para o paraíso e a íntima certeza do

prêmio constituem como que a atmosfera de toda a ascética salesiana. É o que se vê de forma muito clara também em Mornese. Mas aqui gostaria de salientar um tom familiar especial, mais destacado pela delicadeza e pela intuição feminina.

Antes de tudo, estamos diante duma espécie de “pedagogia do paraíso”: é o cuidado pelo espírito de recolhimento nos tempos de silêncio. Para nós, hoje, que estamos mergulhados numa civilização técnica bombardeada continuamente pelo alvoroço de tantas sensações, é importante sublinhar-lhe o valor e o significado. “Por que uma freira deve ser silenciosa?” — perguntava Madre Mazzarello. “Para poder unir-se mais facilmente a Deus e falar com ele; para levar ao seu conhecimento as suas necessidades, para ouvir a sua voz, os seus conselhos, os seus ensinamentos! Se uma freira não fala, mas pensa nas coisas do mundo e perde-se em pensamentos vãos, inúteis e fica excogitando o que se fará com ela ou o que se dirá dela, se pensa no bom êxito dum trabalho ou numa palavra ouvida cá e lá... disse-me: terá esta religiosa observado o silêncio? Claro que não! Porque terá calado materialmente, mas o seu coração e a sua mente terão sempre falado e não terão permanecido unidos a Deus”⁶⁵.

Assim sendo, o exercício do recolhimento no silêncio deve ser como um pedaço de paraíso aberto sobre o horizonte do dia de trabalho.

Mas havia em casa um conceito muito concreto do paraíso, que implicava a amizade e o diálogo com pessoas vivas, presentes, que eram justamente de família, ajudavam, proporcionavam alegria, animavam, consolavam, aliviavam, infundiam coragem e garantiam a constância.

Esse estado de coisas Henriqueta Sorbone descreveu-o para sempre com aquela penetrante expressão: “Aqui estamos no paraíso, na casa existe um ambiente de paraíso!”.

65. Maccono, S. Maria D. Mazzarello I 400.

Pois bem, as duas principais pessoas que lembram constantemente em Mornese o inefável valor e significado do prêmio, são os dois resuscitados: Cristo e Maria! Em casa eles proclamam, todos os dias, o que existe, para nós, mais além da cruz!

Pode ser emblemático um episódio da vida de Mornese. Narra-se que, “entre tantas fisionomias serenas, destoa um dia a fronte triste duma postulante: ‘Por que estás tão séria?’. ‘Esta manhã não comunguei!... e o dia é para mim comprido, comprido... e não termina mais e com aquele fogo que ontem à noite a madre procurou acender nos corações! Ó meu Jesus, perdoai-me. Nesta casa não se pode viver sem a comunhão’ ”⁶⁶.

66. Cronistoria II 363.

Verdadeiramente, usando a expressão pitoresca de Dom Costamagna, Jesus “reinava como absoluto senhor naquela casa”: era na Sua presença que se vivia e a Ele se recorria para alimentar a alegria comum e neutralizar eventuais angústias.

E, juntamente com Cristo, a outra presença de paraíso, que fazia saborear o gosto do prêmio, era a de Nossa Senhora, viva e solícita, considerada a verdadeira Superiora da comunidade: Mazzarello tinha a consciência de ser a sua “vigária” e por isso “costumava todas as noites depositar a seus pés a chave da casa”⁶⁷. Ousaria mesmo afirmar que toda a ascese de Mazzarello tinha uma inspiração mariana: os aspectos ascéticos do espírito de Mornese, como a docilima obediência, a pobreza espontânea, o esplendor da pureza, o recato da mortificação, da simplicidade e da humildade, o sacrifício da doação de si numa totalidade materna e numa constante e afetuosa referência a Jesus trazem nitidamente o cunho de Maria. Assim que, olhando a vossa primeira comunidade de Mornese, Nossa Senhora poderia dizer, como da

67. Maccono, S. Maria D. Mazzarello I 310.

basílica construída para ela em Valdocco: “Esta é a minha casa; daqui sairá a minha glória!”.

O FASCÍNIO DA IDENTIDADE SALESIANA NA ESCOLA DE MADRE MAZZARELLO

Para a nossa reflexão, tinhamo-nos proposto aprofundar o primeiro objetivo que formulastes para as vossas celebrações centenárias: “Redescobrir o espírito de Mornese para nele renovar as comunidades”.

Muito bem. Quanto a isto penso que encontramos alguma luz; até mesmo, da minha parte posso dizer-vos que na escola de Santa Maria Domingas Mazzarello o que mais saboreei foi o fascínio da nossa identidade salesiana.

Um longo percurso

Parti de longe, detendo-me em reflexões gerais: à medida que vim andando, percebi que situamos a nossa reflexão no próprio coração da identidade salesiana: perceber que se trata dum “novo dom” na história da Igreja; um dom original e atual, dotado de grande vitalidade para o futuro. O olhar às origens foi como um treinamento para o relançamento. Olhar com nitidez, através de tantas pessoas e acontecimentos, a unidade dum projeto que não podia depender nem da genialidade de Dom Bosco, nem da santidade de Mazzarello, constituiu uma atitude que visava certificar-nos de que se trata duma iniciativa do Senhor, guiada pela solicitude materna de Maria: um “dom”, uma “experiência de Espírito Santo”, um “carisma”.

Sim: chamamos a esse patrimônio salesiano “o carisma de Dom Bosco” porque foi ele o primeiro portador e realizador, o “fundador”: uma aliança original com Deus e um estilo de vida e de apostolado que, como um rio, brota dele

e avança fecundo na história, formando uma grande Família em comunhão de vocação.

Procuramos determinar com cuidado e fidelidade os componentes de tal experiência, já claros e definidos, embora em semente, em Valdocco.

Alegramo-nos ao constatar que, no plano de Deus, esse carisma devia estender-se também em favor da juventude feminina; assim pudemos admirar, de maneira humanamente inexplicável, todo um magnífico tecido providencial de preparação, no qual a participação original e criativa de Maria Domingas Mazzarello desvela a unidade do projeto divino e nos mostra seu fascínio; foi, pois, com muita justiça que Pio XI qualificou a Madre com o título expressivo de verdadeira co-fundadora do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

Porque sua contribuição foi caracteristicamente fundacional: em poucos anos (da profissão à morte nem chegam a dez!), ela realiza, guia e assegura a chamada “tradução” da salesianidade de Dom Bosco para o feminino, que vem a ser como a sua obra-prima e a maior herança espiritual que deixou: o espírito de Mornese.

Detivemo-nos a meditar-lhe as riquezas, não só para individuar-lhe os conteúdos (ainda que de maneira muito sintética), mas para colher suas linhas mestras, o estilo de vida e de ação, a fisionomia, o que dele mais deve aparecer para fazer-se amar pelas jovens e entusiasmá-las, e o que (muito embora convenha escondê-lo ao público) é a sua nervura, a defesa e o reservatório de todo o seu vigor.

Fizemos tudo isto para ajudar a redescobrir, com sentido de atualidade, o seu extraordinário valor; para revalorizar-lhe as riquezas na unidade do “patrimônio espiritual” de Dom

Bosco; para despertar assim o fascínio da nossa identidade salesiana.

Um claro propósito

Agora cabe a vós, caras Irmãs, programar a realização da segunda parte do objetivo, que é o de “renovar as comunidades no espírito de Mornese!”

Fazei-o como lembrança renovadora da mensagem de vida que Santa Maria Domingas Mazarello vos deixou com a sua morte!

No derradeiro dia de sua vida — diz-nos a *Cronistória* — enquanto fala com esforço com a madre Catarina Daghero, interrompe por um momento a fala, “recolhe-se em si mesma e, para alívio próprio e da substituta, lembra: ‘Que bom pai temos em Dom Bosco! Ele é tudo para o Instituto, eu não sou nada! A obra dele é de Deus e de Nossa Senhora; e na sua virtude e no seu conselho, conforme me garantiu o P. Cagliero, o Instituto terá sempre o seu apoio!’”

Na parte da tarde volta o diretor geral (P. Cagliero) e a Madre o entretém cerca de três quartos de hora sobre os interesses da sua alma, sobre certos defeitos que parece estarem se introduzindo em algumas das suas filhas e em favor das quais esconjura que se tomem as providências mais rápidas possíveis a fim de que, com o tempo, não venham comprometer o bom espírito do Instituto. E termina com um ato de profunda gratidão e de oração: ‘Oh, que graça me concedeu o Senhor de ser e de morrer esposa de Jesus, filha de Maria e de Dom Bosco! Ah, que conceda esta graça também a todas as minhas irmãs, as quais sempre e tanto amei e que espero ter para sempre no céu!’

Quando o P. Cagliero lhe renova a sua bênção também em nome de Dom Bosco, o rosto da enferma se acende e ela exclama: ‘Esta

bênção do caro pai, depois da de Deus, é para mim o máximo conforto!"⁶⁸.

Este extraordinário apego da Madre por Dom Bosco, reexpresso no momento solene que encerra de fato a sua missão terrena de co-fundadora, deve ser continuamente valorizado e aprofundado. Existe nele um "horizonte aberto", e nele a Madre assoma com a máxima confiança.

Efetivamente, se o espírito de Valdocco existia já antes do de Mornese, a missão de Dom Bosco fundador continuava ainda a realizar-se enquanto ele vivia; quanto a Mazzarello, o "patrimônio salesiano" ainda não havia sido provado com o gesto de perfeição da morte de Dom Bosco. Para ela era lindo e normal olhar para Dom Bosco como "sinal ainda vivo" do Espírito, aberto para novas possibilidades de desenvolvimento e para uma nova e eventual adaptação da sua "primeira centelha" às mutáveis exigências dos tempos.

Acho que podemos encontrar aqui a grande mensagem deste nosso centenário: *Intensificar a identidade salesiana, olhando para Dom Bosco "vivo" na Igreja, que continuamente cresce até à estatura perfeita de Cristo!*

Mas, finalmente, é tempo de concluir esta reflexão!

Reverenda Madre Ersília Canta e todas as caras Irmãs. Num belo livro recentemente publicado, eu lia algumas profundas reflexões de um teólogo ortodoxo, Pavel Evdokimov, sobre o tema "A mulher e a salvação do mundo". Ali se frisa o profundo vínculo que se descobre na história da salvação entre o Espírito Santo e o feminino.

Segundo uma famosa expressão ortodoxa, na intimidade de Deus "o Espírito é a 'maternidade hipostática', ele revela o Filho ao Pai e o Pai ao Filho". E, na economia terrena, o Espí-

rito desce sobre Maria para fazer nascer para nós o semblante do Pai; na hora da encarnação intervém não como sublimação da obra do homem, mas fazendo com que Maria participe das riquezas da maternidade numa claríssima virgindade. E assim, quando desce sobre os Apóstolos no dia de Pentecostes, faz nascer a Igreja, Corpo de Cristo; e quando desce na Eucaristia sobre o pão e sobre o vinho, faz nascer a presença real da carne e do sangue de nosso Senhor. “Segundo a profecia de Joel (citada por Pedro no dia de Pentecostes), o Espírito trabalha através do tempo; e transforma o corpo da história em corpo do reino”⁶⁹. É um trabalho de “maternidade!”

A obra do Espírito é uma solicitude de maternidade! E a Igreja, que é o Seu templo, é impulsionada por Ele para uma função materna no tempo. Também os grandes carismas dos fundadores são dons do Espírito em prol desta fecunda missão eclesial. Por isso é importante que numa Família religiosa haja uma forte presença feminina que saiba intuir com particular penetração e realizar com delicada generosidade os valores e as tarefas da própria vocação da Igreja.

Quando na origem duma corrente espiritual o Senhor agrega a “um homem insigne”⁷⁰ também uma “mulher insigne”, então introduz nessa “experiência de Espírito Santo” uma perspectiva de missão e de crescimento particularmente importante e promissora. Enriquece-a com uma fina sensibilidade para o “espiritual”; garante-lhe uma especial sintonia com a maternidade da Igreja e com uma atenta fidelidade aos seus ideais; fortifica-a contra certas tentações de secularismo ateu, as quais soem revelar-se “essencialmente masculinas na atrofia do sentido religioso da dependência do Pai”⁷¹.

Se pensamos, por outro lado, no profundo significado que tem na revelação o binômio

69. Evdokimov P., *A mulher e a salvação do mundo* — Milão, Jaca Book 1980.

70. *Lumen Gentium* 45; *Perfectae Caritatis* 1-2.

71. Evdokimov P., *Idem* 154ss.

“homem-mulher”, então nos parecerá mais perfeita uma Família espiritual assim composta. Homem e mulher formam, juntos, no Éden, a “imagem” viva de Deus; cada um deles revela, de forma complementar, algo da Sua insondável intimidade. No mistério da Trindade, duas pessoas são enviadas para a nossa salvação, isto é, o Verbo e o Espírito Santo; elas projetam as feições da sua personalidade no semblante de Cristo (Verbo encarnado) e no de Maria e da Igreja (Templo do Espírito). Cristo e Maria, novo Adão e nova Eva, são as primícias da ressurreição, que proclamam juntos a imagem definitiva do grande Mistério.

Pois bem: nas grandes Famílias espirituais, começando pela de Santo Agostinho e de sua irmã (anônima, mas que deu início, com algumas companheiras, à experiência feminina da Regra agostiniana) e depois com São Bento e Santa Escolástica, São Francisco de Assis e Santa Clara, e outros santos pares de fundadores, a presença da complementaridade feminina constitui sinal duma peculiar plenitude e importância do carisma, da sua fecunda longevidade e da sua riqueza de contribuições para a missão da Igreja.

Se tudo isso é verdade, quer então dizer que a contribuição feminina de Santa Maria Domingas Mazzarello e do espírito de Mornese para o carisma salesiano apenas começou no passado e deve crescer no futuro. Não pode ser reduzida a uma espécie de privilégio para se contemplar dentro do Instituto, mas deve ser uma tarefa a ser realizada numa expansão mais corajosa. Vós, caras Irmãs, fostes, pois, chamadas a viver em espírito de atualidade a vossa preciosa complementaridade espiritual e a fazê-la frutificar. Fostes chamadas a projetar a vossa salesianidade feminina mais além do vosso Instituto; não a guardeis escondida, não vivais nela como que imbuídas de complexos e

na defensiva, mas com entusiasmo e convencidas do seu valor eclesial e histórico, fazendo sentir vivo no mundo o seu fascínio espiritual. O vosso testemunho revigorará o inteiro patrimônio espiritual de toda a Família salesiana.

Com a Madre Mazzarello, olhai para Dom Bosco! Voltai a escutar-lhe ainda hoje os seus primeiríssimos conselhos: “Rezai, sim, mas fazei o bem, o mais que puderdes, especialmente para a juventude”. “Crescei no exercício da presença de Deus; amai o trabalho; levai a todos amabilidade e alegria; sede na Igreja auxiliadoras para a salvação!”

E que Dom Bosco e Madre Mazzarello obtenham que o vosso Instituto e a nossa grande Família amadureçam naquela santidade salesiana que fará de nós todos, juntos, verdadeiros “sinais e portadores” do amor de Deus pela juventude.

Lembrai-vos diariamente da Família salesiana e, nela, do sucessor de Dom Bosco, nas vossas orações.

Com afeto no Senhor,

Roma, 14 de maio de 1981

P. Egidio Vignani

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

O CONSELHEIRO PARA A FORMAÇÃO

P. Paulo NATALI

A ESTRUTURA DEPARTAMENTAL DE PASTORAL JUVENIL E CATEQUÉTICA NA UNIVERSIDADE PONTIFÍCIA SALESIANA (U P S)

O documento sobre "*A formação dos Salesianos de Dom Bosco*" reporta-se ao trecho duma carta do Reitor-Mor ao Reitor Magnífico da UPS e diz que "a Congregação olha para a UPS, em Roma, como para um dos compromissos privilegiados da missão salesiana na Igreja. A nossa Universidade não constitui objetivo para si mesma, mas foi ordenada para um serviço específico na Igreja e na Congregação. E tal serviço situa-se numa órbita essencialmente pastoral e pedagógica" (FSDB, 519).

Sob este enfoque e como primeira realização destas exigências, no próximo dia 15 de outubro de 1981 terá início na UPS o novo curso de pastoral juvenil e catequética, organizado pela "Estrutura Departamental de Pastoral Juvenil e Catequética". Para ela converge a colaboração das Faculdades de Teologia e de Ciências da Educação. É uma estrutura coordenada por um "grupo administrativo misto", formado pelos professores Guido Gatti, Mário Midali, Roberto Giannatelli e José Groppo, da Faculdade de Ciências da Educação. Seu coordenador é o P. Roberto Giannatelli, Vice-Reitor da UPS.

O novo curso de pastoral juvenil e catequética e os novos Estatutos da UPS concluem um longo e laborioso *iter* de renovação da nossa Universidade. Com sua carta de 10-1-1977, na sua qualidade de Grão-Chanceler, o Reitor-Mor, P. Luís Ricceri, propôs um claro e articulado programa de adaptação da UPS às novas exigências da Igreja e da Congregação. Sucessivamente, após o amplo debate que se deu no CG21 e no que toca às orientações de

atividades que dele emanam (CG21, doc. n.º 4), o Reitor-Mor, P. Egídio Viganó, retomava as várias instâncias que emergiram tanto a nível de Congregação como a nível de grupos de estudo na UPS, num documento de síntese operativa que foi publicado nos Atos do Conselho Superior de abril-maio de 1980 (ACS n.º 296, pp. 62-70). As Comissões de estudo da UPS trabalharam nestes últimos meses para traduzir em programas de ensino e em estruturas académicas “as diretrizes vinculantes” dadas pelo Reitor-Mor.

O resultado deste estudo constitui um fato novo e original com respeito a quanto se faz nas universidades eclesiásticas romanas e representa um engajamento que caracteriza a nossa Universidade em “amplo setor da realidade humana e eclesial que poderíamos denominar ‘*Jovens e Evangelho*’” (ex-saudação do Reitor-Mor ao Santo Padre por ocasião da visita à UPS, a 31-1-1981).

Ao mesmo tempo que remeto ao apêndice quanto a uma detalhada informação sobre os programas, gostaria de frisar aqui que:

- o novo currículo vem ao encontro de exigências e de interesses de qualificação próprios da nossa Congregação. Com efeito, visa preparar docentes de pastoral juvenil e catequética para os nossos estudantados e centros de estudo, responsáveis pela animação pastoral-catequética nas Inspetorias, peritos em setores específicos como são os centros catequéticos e editoriais, o associacionismo juvenil, a pastoral escolar, os audiovisuais e os *mass media*;
- considerado o alto empenho de qualificação em que se coloca o novo currículo, ele se apresenta com um amplo programa de estudo: 3 anos para o grau de *licenciatura*, que podem ser iniciados indiferentemente aos 15 de outubro ou 15 de fevereiro de cada ano letivo. É previsto também um período mais breve (2 anos) em vista da obtenção do título de *diploma*;
- os conteúdos do novo currículo são transmitidos mediante a colaboração interdisciplinar das Faculdades de Teologia e Ciências da Educação. Elas acham-se portanto calcadas num sério aprofundamento das ciências teológicas, consideradas na perspectiva pastoral, mas estão abertas também para a “novidade” das ciências humanas com as quais pretendem dialogar com vistas à promoção integral do homem e do cristão;

— a “estrutura departamental”, que organiza o currículo, constitui expressão da colaboração das duas Faculdades de Teologia e de Ciências da Educação e permite “enfoques” diversos. O estudante que queira desenvolver mais as disciplinas teológicas ou as pedagógicas tem a possibilidade de conseguir o título acadêmico numa ou noutra faculdade. Seja como for, o currículo permanece contudo unitário e completo na sua abordagem do fato catequético e pastoral juvenil com o auxílio de todas as disciplinas que hoje se consideram necessárias para aprofundar-lhes a natureza e deduzir-lhes as orientações operativas.

O novo currículo de pastoral juvenil e catequética representa para a Congregação um empenho grande e qualificado no tocante à nossa missão de levar o Evangelho aos jovens. Ajudará certamente a evitar o que o Reitor-Mor, no discurso de encerramento do CG21, chamava de “o perigo do genericismo”: “não mais missionários especializados para a juventude masculina, mas trabalhadores comuns (. . .). Não devemos esquecer que isto constitui um ponto delicado, que é considerado com serenidade e discernimento. Atinge um elemento da nossa ‘missão’, da nossa ‘ação específica’ e do nosso ‘estilo pedagógico’, portanto da nossa identidade e eficiência concreta” (CG21, n.º 575).

Fazemos votos que o novo currículo resulte utilíssimo para os irmãos, sacerdotes e coadjutores que — com a formação teológica de base exigida e com uma suficiente experiência pastoral no próprio ativo (pelo menos 2-3 anos) — as comunidades inspeccionais enviarão, numerosos e para esta finalidade, à nossa Universidade.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR

4.1 Crônica do Reitor-Mor

Aos 14 de março o Reitor-Mor viajou para as Inspetorias da Região Pacífico-Caribe, que ainda não haviam sido visitadas. Assim, passou sucessivamente pela Inspetoria da Venezuela, pelas duas da Colômbia, pelas do Equador, do Peru e da Bolívia. Depois, dirigiu-se a Buenos Aires, onde presidiu ao encontro dos Inspetores e Delegados das 24 Inspetorias da América Latina (do qual se fala em outra parte deste número dos ATOS), de 5 a 12 de abril, aproveitando também a oportunidade para dar uma chegada rápida, numa tarde, até Montevidéu e outra até Córdoba. Antes de encerrar a viagem visitou a Inspetoria do Chile (Santiago e Punta Arenas), durante a Semana Santa, para depois voltar a Roma a 22 de abril.

Como em outras visitas semelhantes, o P. Viganó entrou em contato de modo especial com os Conselhos inspetoriais, os Diretores, os formadores, os jovens salesianos em formação: havia necessidade de apresentar uma primeira visão da nova "Ratio". Em todas as Inspetorias houve longos encontros-diálogo com os irmãos, com as FMA, com os Cooperadores e os vários outros grupos da Família Salesiana, em particular com as Filhas dos Sagrados Corações, que estavam para iniciar o seu Capítulo Geral em Bogotá. Proferiu, além

disso, conferências para religiosos e religiosas em geral e manteve conversações com autoridades eclesásticas e civis. Teve oportunidade de dialogar com mais de cinquenta autoridades, entre cardeais, bispos e núncios apostólicos.

Por toda parte foi acolhido com extraordinária alegria e cordialidade. Os meios de comunicação social (imprensa, rádio, televisão) ocuparam-se dele em seus programas. Deu várias entrevistas à imprensa nos diferentes países. Os jovens, principalmente no Chile, cercaram-no com entusiasmo indescritível. Nos últimos dias exclamou: "Estou vivendo semanas em que perco a noção do tempo e das estações. Mas nestes encontros juvenis é sempre primavera". Antes de partir de volta a Roma, acrescentou: "Dom Bosco fez a famosa viagem do sonho sobre a América Latina, numa noite. Eu, há quarenta dias que a comecei, e até agora percorri apenas parte dela, e acho que me sinto muito mais cansado que ele. Faço votos que a realidade salesiana na América Latina supere o sonho profético!"

A floração de vocação (somente na Região Pacífico-Caribe o Reitor-Mor contou 148 pré-noviços, 82 noviços e 138 pós-noviços), o otimismo que anima os irmãos, a criatividade e fidelidade pastoral parecem confirmar uma hora nova.

A convite das Filhas de Maria Auxiliadora, aos 13 de maio o Rei-

tor-Mor esteve em Turim para as solenes comemorações centenárias da morte de Santa Maria Domingas Mazzarello. Na basílica, apinhada de juventude feminina, fez uma exposição sobre a atualidade da mensagem de Madre Mazzarello.

No dia seguinte, 14 de maio, foi até Nizza Monferrato a fim de participar das celebrações comemorativas da morte da Santa, onde estavam presentes a Madre Geral com todo o seu Conselho, vários Inspetores da Itália e muitas freiras.

Na parte da tarde benzeu uma lápide comemorativa no pequeno aposento onde morreu a Madre, e assistiu à inauguração, feita pelo prefeito com a presença de grande multidão, numa rua dedicada à Santa.

De 15 a 25 de maio, o P. Viganó esteve na Espanha para as comemorações centenárias.

Foram três etapas fecundas e salesianamente construtivas: Barcelona, Madri e Sevilha, percorridas durante a novena da Auxiliadora e concluídas justamente no dia 24 de maio.

Em Barcelona (16-18 de maio) foram coroadas de particular êxito as jornadas de estudos sobre a "FORMAÇÃO PROFISSIONAL".

Em Madri (19-21 de maio) merece especial menção a audiência com o Rei, Sua Majestade João Carlos, bem como a artística sessão acadêmica comemorativa, que foi honrada com a presença da Rainha Sofia.

Na Inspetoria de Sevilha (22-24 de maio) o ato mais significativo realizou-se em Utrera: a solene coroação da estátua da Auxiliadora, enviada por Dom Bosco em 1885.

4.2 O Vigário do Reitor-Mor

De 30 de janeiro a 7 de fevereiro, esteve na Inspetoria de Paris onde participou, representando o Reitor-Mor, da comemoração do centenário do "Patronato de São Pedro".

Nessa oportunidade, teve um encontro com todos os irmãos das comunidades de Paris e visitou sucessivamente diversas Casas para encontros com os irmãos, com alguns Conselhos, com os noviços e os pós-noviços.

De 13 a 23 de fevereiro passou na Inspetoria de Sevilha para o início do ano centenário da chegada dos salesianos a Utrera.

Tomou parte nas diversas manifestações programadas e comemorou o centenário em diversos dias de retiro espiritual em que participaram respectivamente os Diretores das Inspetorias de Sevilha e de Córdoba, os irmãos da Inspetoria de Sevilha e, nas Ilhas Canárias, os irmãos das comunidades de Las Palmas e Santa Cruz de Tenerife.

De 14 a 31 de março esteve na Inspetoria do Oriente Médio para manter encontros com as comunidades do Cairo e de Alexandria do Egito bem como com as comunidades de Beit Gemal, Belém e Nazaré.

Em Cremisan participou do encontro dos Diretores da Inspetoria, de uma reunião do Conselho inspetorial e pregou os exercícios espirituais aos estudantes de Teologia.

De 28 de maio a 3 de junho esteve na Inspetoria do Sul da Alemanha, por ocasião do quinquagésimo ano de fundação do Estudando Pedagógico, Filosófico e Teológico de Benediktbeuern, entrando sucessivamente em contato com as comunidades mais vizinhas.

4.3 Atividades dos Conselheiros

O Conselheiro para a Formação

Na AMÉRICA LATINA: 14 de março-3 de maio de 1981. Na Guatemala e em Cumbayá (Quito) teve encontro com os Srs. Inspectores, os formadores, professores das Inspetorias do México (México-Guadalajara), América Central, Antilhas, Venezuela, Colômbia, Bolívia, Peru, Chile e com dois representantes das Inspetorias dos Estados Unidos da América; estes encontros se deram de 16 a 21 de março, sendo que de 23 a 28 de março os mesmos foram dedicados ao estudo do documento "A formação dos salesianos de Dom Bosco" e às conseqüentes reflexões operativas.

O mesmo se deu com as Inspetorias da zona atlântica, no período de 20 a 26 de abril. Ao todo estiveram presentes 120 irmãos, de acordo com suas funções e responsabilidades.

Nos outros dias (com exceção dos de 5 a 12 de abril, em que se realizou a "Visita conjunta" a Buenos Aires) teve encontros com as comunidades formadoras, as comissões para a formação, os formadores, os Conselhos inspetoriais, os irmãos das Inspetorias (às vezes adrede reunidos): precisamente em Caracas, Guatemala, Quito, Lima, Santiago, Buenos Aires, La Plata, Montevideú, Córdoba, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo.

Na ESPANHA: 17-20 de maio. Nas Inspetorias de Barcelona e de Valença: encontro com o Conselho inspetorial de Valença, com os formadores e os professores dos centros de estudo, com as comunidades dos jovens salesianos em formação.

Assuntos: a "Ratio" e problemas locais.

Neste período, o trabalho do Dicastério concentrou-se na animação do curso de formação permanente e no estudo e desenvolvimento de alguns temas referentes ao *Manual do Diretor*. Com este objetivo, houve também encontros de comissões.

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil

Durante todo o mês de abril, o Conselheiro Geral para a Pastoral Juvenil manteve vários encontros na América Latina.

No Brasil, presidiu a assembléia dos párocos das seis Inspetorias brasileiras. Era a quinta reunião das paróquias em que participou o Dicastério nestes três anos. Nos temas tratados e nas problemáticas discutidas, foi feita constantemente referência às normas dos dois últimos Capítulos Gerais, apresentadas organicamente no subsídio n.º 3A do mesmo Dicastério. Deu-se particular atenção ao específico salesiano da nossa presença nas paróquias.

Posteriormente participou em Buenos Aires da Assembléia dos Inspectores de toda a América Latina.

No Uruguai encontrou-se com a Comunidade Inspetorial, a fim de tratar em forma de intercâmbio de temas de Pastoral Juvenil.

Na Região do Pacífico teve dois encontros, respectivamente em Cumbayá e em São José da Costa Rica, sobre realizações e perspectivas de pastoral vocacional. Nesses encontros foi submetido à reflexão e crítica o documento vocacional que o Dicastério está preparando e que foi oferecido aos participantes numa cópia provisória.

Outra assembléia sobre o mesmo tema e com as mesmas modalidades.

des foi realizada em Roma com os animadores vocacionais das Inspetorias da Itália.

De 10 a 16 de maio, o P. Vecchi, representando o Reitor-Mor, participou do Congresso Internacional das Vocações, promovido pela Sagrada Congregação para a Educação Católica.

Finalmente, em Barcelona tomou parte nas jornadas sobre a formação profissional, organizadas pela Conferência Ibérica, por ocasião do centenário da presença salesiana na Espanha.

O Conselheiro para a Família Salesiana

O P. João Raineri, nos dias 26-29 de março, presidiu em Recife (Brasil) a reunião dos Diretores e Delegados para uma jornada de estudo sobre a Família Salesiana, onde estiveram presentes também dirigentes dos Cooperadores e dos Ex-alunos. Outra jornada foi dedicada às questões da Comunicação Social. Concluiu sua estada, visitando a "nova presença" de Bongí.

Aos 30 de março teve encontro na Argentina com os responsáveis pela *"Editorial Dom Bosco"* de Buenos Aires; a 31 de março esteve com a Responsável zonal das Voluntárias de Dom Bosco (VDB).

De 31 de março a 1.º de abril, reuniu em Buenos Aires o Conselho Nacional dos Cooperadores da Argentina, constatando a extraordinária vitalidade da Associação, as numerosas atividades apostólicas, a presença de numerosos jovens Cooperadores, a colaboração cordial entre Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora.

A 1.º e 2 de abril, foi a vez do Conselho Nacional dos Ex-alunos, com a presença também dos Delegados inspetoriais; o problema

mais urgente é o da renovação da associação pela formação dos dirigentes, pela entrada e cuidado dos jovens Ex-alunos; estes fizeram valer a sua voz com uma delegação para o Conselho Nacional.

De 3 a 5 de abril, presidiu na Inspetoria de Rosário uma numerosa reunião de estudo e reflexão de jovens Cooperadores da Inspetoria, que se encerrou com uma animada convivência de Família Salesiana entre Salesianos, com o Inspetor P. Buccolini, as Filhas de Maria Auxiliadora, com a Inspetora, Madre Joana Benita Sack, e os Cooperadores.

Depois, o P. Raineri participou da "Visita conjunta" dos Inspetores e Delegados em São Miguel, de 5 a 12 de abril, animando especialmente as duas jornadas dedicadas à Família Salesiana e às Comunicações Sociais.

De 13 a 15 de abril dirigiu em Montevideu uma jornada de estudo para os Diretores, Delegados e irmãos sobre a Família Salesiana e a Comunicação Social. Sempre em Montevideu, realizaram-se encontros com a Comissão da Comunicação Social, com a Presidência Nacional dos Ex-alunos, com o grupo das VDB, o Conselho Nacional dos Cooperadores bem como um numeroso grupo de FMA, junto com a Inspetora Madre Dolores Acosta.

De 16 a 18 de abril em São Paulo (Brasil) teve encontro com os responsáveis pela Editora Salesiana e visitou o noviciado de São Carlos e o anexo "Educandário São Carlos", recentemente fundado.

A 1.º e 3 de maio o P. Raineri tomou parte na abertura e no encerramento do Conselho Nacional Italiano dos Cooperadores (que elegeu a nova Presidência) e abor-

dou o tema da renovação da Associação, chamando a atenção sobre problemas como os jovens Cooperadores, os Cooperadores Sacerdotes, os Cooperadores operários.

A 9 e 10 de maio, junto com as mães Martín Moreno e Maria Letón del Pilar, o P. Raineri tomou parte na celebração do centenário de Santa Maria Mazzarello, organizada pelas Inspetoras FMA da Espanha, em El Plantio (Madri) para os Conselhos inspetoriais FMA, SDB, Cooperadores, Ex-alunas FMA e Ex-alunos. A manifestação foi muito rica do ponto de vista da reflexão sobre a figura de Santa Maria Mazzarello, quanto à atualidade da sua mensagem, no tocante ao intenso clima de Família Salesiana que se apoderou de todos os participantes e pelas conclusões operativas.

A 12 de maio reuniu em Lisboa a Comissão para a Comunicação Social, a Presidência nacional dos Ex-alunos e o Conselho Nacional dos Cooperadores; no dia 13 falou em Manique aos pós-noviços e teólogos e presidiu a comemoração de Santa Maria Mazzarello para os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora, na Casa de Estoril, com a presença do Inspetor e da Inspetora das FMA.

Nos dias 15 e 16 de maio teve encontros em Valência com o Conselho inspetorial, falou de Santa Maria Mazzarello a Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora, num encontro de Família Salesiana, e reuniu em Alicante a Presidência dos Ex-alunos, na Casa da Família Salesiana.

Em Roma, aos 29 de maio, reuniu-se com a Junta Confederal dos Ex-alunos e, nos dias 30 e 31, com os Presidentes Nacionais da Europa, junto com alguns Delegados, em preparação do Eurobosco.

Durante estes meses foram realizados os preparativos para:

1. o Congresso Europeu dos Ex-alunos (Eurobosco), que se realizará em Lugano (Suíça) nos dias 15-19 de outubro de 1981;
2. a Consulta Mundial dos Cooperadores Salesianos que se efetuará em Roma de 24 a 28 de junho de 1981;
3. o Congresso Latino-Americano dos Ex-alunos, que terá lugar em Lima (Peru) de 8 a 11 de outubro de 1982;
4. o Segundo Simpósio da Família Salesiana (19-22 de fevereiro de 1982), para cuja preparação houve uma reunião dos relatores nos dias 23 e 24 de maio último. Os assuntos tratados a nível de pesquisa e de reflexão proporcionarão bom fundamento para a doutrina sobre a Família Salesiana.

O grupo central dos animadores salesianos com os peritos do Dicastério realizou uma série de reuniões sobre orientações de animação a nível inspetorial, critérios de pertença à Família Salesiana, a animação mariana dos vários grupos, o estudo dos artigos das Constituições e dos Regulamentos que concernem à Família Salesiana, com vistas ao Capítulo Geral 22.

* * *

No *Secretariado para a Comunicação Social* continuaram as atividades dos instrumentos ordinários de informação salesiana — Boletim, Dossiê dos Boletins, ANS — a preparação de programas e subsídios solicitados por Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora. O Secretariado realizou um serviço muito apreciado, visando documentar as manifestações do centenário de Santa Maria Domingas Mazzarello

em Roma, Turim, Nizza, Mornese. Do estúdio ACV saíram programas radiofônicos e televisivos sobre atividades de pastoral juvenil e sobre as missões salesianas.

Membros do Secretariado participaram de atividades de organismos eclesiais e salesianos sobre a Comunicação Social e a informação.

Dedicou-se atenção especial à preparação do primeiro "Seminário mundial dos Editores Salesianos", que terá lugar em Turim de 22 de junho a 2 de julho, organizado pela Sociedade Editora Internacional, ainda hoje a primeira editora fundada por Dom Bosco a serviço da missão salesiana, e que ocupa um lugar de prestígio na promoção da cultura cristã nas edições escolares e no setor chamado "varia": coletâneas culturais, de divulgação, científicas e recreativas, especialmente para os jovens.

O Conselheiro para as Missões

O Conselheiro para as Missões visitou pela primeira vez a Inspeção da África Central onde passou, entre 20 de fevereiro e 12 de março, por 26 dos 27 centros com que conta aquela Inspeção no Zaire, Ruanda e Burundi.

Teve oportunidade de constatar o entusiasmo do engajamento apostólico despertado pela visita do Reitor-Mor à Inspeção, no ano passado; e, como ele, ficou profundamente impressionado com as massas de jovens e de fiéis sob os cuidados pastorais dos irmãos; ademais, impressionou-o a excepcional alegria que predomina por toda parte entre os jovens, apesar da pobreza do meio ambiente.

Teve também oportunidade de admirar o trabalho penoso desenvolvido pelos irmãos, que, infelizmen-

te, são numericamente insuficientes, em grande parte idosos, de saúde precária, mas sempre firmes no propósito de permanecer em seu posto. A presença do missionário em muitas destas missões é a única luz e esperança que sustentam a população.

Depois de sua volta da África, o Conselheiro para as Missões assistiu a uma numerosa reunião de Cooperadores, em âmbito nacional, congregados em Campello para celebrar o centenário da nossa presença na Espanha. Apresentou-lhes o "Projeto África" e falou do Laicato Missionário Salesiano.

De 5 a 12 de abril tomou parte na "Visita conjunta" nas Inspetorias latino-americanas, que se realizou em Buenos Aires; em seguida visitou rapidamente alguns centros da Patagônia, Terra do Fogo e Chile.

Em princípios de maio fez a visita extraordinária às missões do Vicariato Apostólico de Porto Ayacucho e desta maneira completou a visita extraordinária que o P. Sérgio Cuevas estava realizando em toda a Inspeção venezuelana.

O Conselheiro para a Região de Língua Inglesa

Depois duma breve permanência na Grã-Bretanha e Irlanda para discutir alguns problemas com os Inspetores e os seus Vices, o P. Williams passou a última semana de janeiro na região de New Rochelle, onde celebrou a festa de Dom Bosco com diversas comunidades e escolas; as festas culminaram com uma concelebração presidida pelo bispo de Paterson em Newton para a Família Salesiana.

Depois disso dirigiu-se a Savannah, Geórgia, para tratar com o

bispo de algum projeto de trabalho salesiano na sua diocese. Após uma breve visita à nossa comunidade de Marrero e às Filhas de Maria Auxiliadora, passou à nossa Casa mais meridional dos Estados Unidos: a paróquia de Laredo, na fronteira entre os Estados Unidos e o México, onde iniciou a Visita Canônica Extraordinária à Inspeção de São Francisco. Esta Inspeção abrange também a parte ocidental do Canadá.

A visita estendeu-se até os últimos dias de abril e encerrou-se com uma reunião do Conselho inspetorial que durou mais de três dias e com um encontro de um dia com os Diretores.

Na sua viagem de retorno a Roma, o P. Williams participou da festa comunitária inspetorial de New Rochelle; fez breves visitas às comunidades em formação de Columbus e Newton (New Rochelle), Dublin e Maynooth (Irlanda), Ushaw (Brã-Gretanha) e Dingli (Malta).

O Conselheiro para a Região da Ásia

O P. Tomás Panakezham realizou Visita Canônica Extraordinária à Inspeção Maria Auxiliadora de Gauhati, Assam (Índia), de 15 a 24 de maio. Durante um intervalo de 15 dias, visitou a Birmânia, as Filipinas, Cingapura e a Tailândia. Foi até Cingapura para explorar a possibilidade de ter uma presença salesiana, em resposta a um convite do arcebispo daquela cidade.

Nas Filipinas presidiu às reuniões de cinco Inspectores do Extremo Oriente. Entre os outros problemas discutidos, os Inspectores participaram da preparação da "Visita conjunta" com o Reitor-Mor e Superiores a Hong Kong, no próximo outubro.

Durante a Visita Canônica a Gauhati, presidiu a Conferência inspetorial da Índia (27-28 de abril) em Shillong, Assam. Entre as decisões tomadas, duas se revelaram de particular importância: continuar o magistério interinspetorial para os Coadjuutores em Calcutá; realizar o próximo Simpósio Asiático-Australiano dos Ex-alunos na Índia.

Realizou uma consulta entre todos os irmãos da supramencionada Inspeção sobre a hipótese de desdobramento da Inspeção indiana de Gauhati-Assam, conforme decisão tomada pelo Conselho Superior.

O Conselheiro Regional para a América Latina-Atlântica

O seu empenho principal foi a Visita Canônica Extraordinária à Inspeção de Buenos Aires (de 22 de fevereiro a 26 de maio de 1981).

Além disso, participou do Encontro Continental do Reitor-Mor e membros do Conselho Superior com Inspectores e Delegados das Inspeções da América Latina, em São Miguel (Buenos Aires), na qualidade de moderador junto com o P. Sérgio Cuevas (de 5 a 12 de abril de 1981).

Tomou parte também na reunião presidida pelo P. Paulo Natali com os formadores de toda a Região, no Rio de Janeiro (de 20 a 26 de abril de 1981).

Presidiu três reuniões de Inspectores: a dos Inspectores do Prata em Buenos Aires (1.º de fevereiro de 1981) e as dos Inspectores do Brasil, em Porto Alegre (6 de fevereiro) e depois no Rio de Janeiro (25 de abril).

Finalmente, colaborou no Curso de Preparação para a Profissão

Perpétua em Barbacena (de 24 a 26 de janeiro de 1981) e presidiu a celebração da Primeira Profissão dos noviços em La Plata (31 de janeiro de 1981).

O Conselheiro para a Europa Centro-Norte e África Central

Durante os meses de janeiro e fevereiro o Conselheiro para a Europa Centro-Norte e África Central fez a Visita Canônica Extraordinária à Inspetoria do norte da Bélgica.

Para a Festa de Dom Bosco, dirigiu-se a Paris a fim de participar na inauguração dos locais renovados do "Patronato São Pedro", que se deu com a presença do Vice do Reitor-Mor, P. Caetano Scrivo.

Encerrada a visita ao norte da Bélgica, de 1.º a 4 de março presidiu em Brièves a reunião dos Conselheiros inspetoriais das três Inspetorias de língua francesa.

De 5 de março a 14 de abril realizou a Visita Canônica Extraordinária à Inspetoria do norte da Alemanha.

Dirigiu-se depois à África para fazer a Visita Canônica Extraordinária às Casas Salesianas dos Camarões, Gabão, Congo (Brazzaville), Costa de Ouro e Marrocos. Participou depois das Festividades Jubilares do 50.º aniversário da Casa de Benediktbeuern, presididas pelo Vice do Reitor-Mor. Nesta oportunidade realizou-se em Benediktbeuern a Conferência Inspetorial de língua alemã, na qual participaram os Inspetores da Holanda e do Norte da Bélgica.

O Conselheiro para a Região Ibérica

Na segunda quinzena do mês de dezembro conseguiu chegar até os

irmãos de Moçambique, com os quais passou as festas natalinas. Pregou os Exercícios Espirituais para eles e para as Filhas de Maria Auxiliadora.

Pôde ver o trabalho que ali se desenvolve, entre não poucas dificuldades, para manter a presença salesiana naquela parte da África.

Quando retornou de sua viagem, fez a Visita Canônica Extraordinária à Inspetoria Central (Itália), nos meses de janeiro-março.

A 1.º de abril viajou para a Espanha a fim de efetuar também a Visita Canônica Extraordinária à Inspetoria de Sevilha, nos meses de abril e maio. Neste último mês acompanhou o Reitor-Mor nas celebrações centenárias da primeira chegada dos salesianos à Espanha, em Barcelona, Madri e Sevilha.

Passou dois dias em Lisboa, onde reuniu os Diretores Salesianos de Portugal, para preparar a consulta para a nomeação do novo Inspetor. Tomou parte também no Capítulo inspetorial das Filhas de Maria Auxiliadora de Portugal.

O Conselheiro para a Itália e para o Oriente Médio

Na maior parte do tempo — quase exclusivo — do Regional da Itália e Oriente Médio, o P. Luís Bosoni esteve absorvido com a Visita Extraordinária à Inspetoria subalpina "Maria Auxiliadora" com sede em Turim-Valdocco: de 5 de janeiro a 24 de maio.

No começo de abril passou alguns dias na Sicília para organizar a Consulta para a nomeação do novo Inspetor.

Para esta finalidade teve encontros com os Diretores e visitou muitas comunidades da ilha.

Entrementes, também nas Inspetorias subalpina, lombardo-emiliana e adriática procedia-se à dita Consulta inspetorial com a colaboração dos Visitadores Extraordinários, respectivamente, P. Luís Bosoni, P. Pascoal Liberatore e P. Mário Bassi.

De 25 a 30 de maio presidia em Zafferana Etnea o Encontro dos Inspetores da Itália.

Em várias ocasiões pôde também participar de reuniões de Setor.

Merece se faça menção de um grave fato que atingiu a Região.

As 8,00 horas do dia 29 de maio, um grupo das Brigadas Vermelhas irrompeu no nosso Centro de Formação Profissional "T. Gerini" de Roma, ferindo com três golpes de revólver nas pernas o irmão coadjutor José Magagna, de 38 anos.

Na lógica das Brigadas Vermelhas, o fato justificava-se não como denúncia contra o irmão, ou contra os salesianos, mas contra a Escola Profissional, que seria seletiva, porquanto qualifica alguns, preparando-os para um trabalho mais especializado e portanto mais bem pago.

A solidariedade de entidades e pessoas, dos próprios trabalhadores e dos sindicalizados revela a estima pelas nossas Escolas Profissionais e foi uma oportunidade para evidenciar o trabalho dos salesianos para os jovens operários e a própria vocação do Coadjutor Salesiano.

O Conselheiro para a Região do Pacífico-Caribe

Nos primeiros dias de janeiro de 1981, o Conselheiro regional, P. Cuevas, inicia a Visita Canônica à Inspetoria das Antilhas; visita pre-

cisamente as comunidades e as obras de Cuba, Haiti, Porto Rico e República Dominicana. Depois de sair de Cuba, encontrou-se com o novo Inspetor da América Central e o seu Conselho, em São José da Costa Rica.

Em fins do mês de fevereiro, iniciava a Visita Canônica à Inspetoria da Venezuela. Sua primeira etapa foi a nova presença que os salesianos têm na ilha de Curaçao, nas Antilhas holandesas. Depois continuará a visita pelo continente.

Por ocasião da visita do Revmo. Reitor-Mor, na Região do Pacífico-Caribe, nos primeiros dias de abril, faz a Consulta inspetorial para a nomeação dos novos Inspetores no Equador e na Bolívia. Depois, participa com outros membros do Conselho Superior do encontro continental de todos os Inspetores e Delegados, com o Revmo. Reitor-Mor, em Buenos Aires (Argentina), de 6 a 12 de abril.

Também nesta oportunidade conseguiu encontrar-se com o Conselho inspetorial do Chile e com todos os Diretores da Inspetoria do Equador, reunidos em Guaiaquil.

Durante a Semana Santa, retoma o trabalho da Visita Canônica na Venezuela. Depois que realizou esta visita, dirige-se à Colômbia para recolher a Consulta inspetorial para a nomeação do novo Inspetor de Medellín. Teve também um amplo encontro com os dois Conselhos inspetoriais de Bogotá e de Medellín, que se haviam reunido para estudar a situação da formação inicial, que envolve ambas as Inspetorias. Visita também as comunidades formadoras de Medellín (Rio Negro e La Ceja) e depois em Bogotá (El Porvenir).

Antes de deixar a Venezuela, participou de um encontro com os

missionários do Alto Orinoco, junto com o P. Tohill, em Porto Aya-
cucho.

Nos últimos dias de maio regre-
sa a Roma.

O Delegado do Reitor-Mor para a Polônia

Nos primeiros dias de janeiro o Delegado do Reitor-Mor para a Polônia, P. Agostinho Dziedziel, manteve encontros individuais com cada um dos Inspetores das quatro Inspetorias. Depois visitou as cinco Casas de formação para transmitir as informações do Centro e para apresentar o relatório da sua visita ao Zaire e Zâmbia.

Reuniu os treze candidatos para as missões em Zâmbia e presidiu um simpósio deles em Chestochova para apresentar o seu relatório sobre a visita que fez à Zâmbia e para estudar juntos as perspectivas do trabalho missionário e programar a preparação da primeira expedição missionária àquela região.

Nestes meses, a sua principal atividade foi a Visita Canônica Ex-

traordinária à Inspetoria de Santo Estanislau Kostka, com sede em Lodz (Polônia); no final da visita reuniu o Conselho Inspetorial.

Participou nos dois turnos dos simpósios para Diretores e párocos das duas Inspetorias do Norte da Polônia e depois das duas Inspetorias do Sul da Polônia.

Esteve presente também à abertura do Capítulo inspetorial das Filhas de Maria Auxiliadora em Pogrzebien.

Presidiu o encontro de programação do primeiro simpósio da Conferência inspetorial da Polônia, com a presença dos Delegados inspetoriais da Família Salesiana, justamente porque o tema da reunião tratava da Família Salesiana.

Ao término deste período, reuniu os quatro Inspetores da Polônia para inteirar-se dos seus problemas comuns.

A 31 de maio de 1981 participou em Varsóvia dos funerais do cardeal Estêvão Wychinski, Primaz da Polônia.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1 Por ocasião da coroação do quadro de Nossa Senhora de Rózanystok: 28-6-1981

Eminências, Excelências, Irmãos e Irmãs,

Hoje, esta é para mim uma feliz ocasião de poder externar a gratidão da Família Salesiana a S. Em.^a o cardeal Francisco MACHARSKI, sucessor na sede de Cracóvia do nosso mui amado papa João Paulo II, a S. Ex.^a D. Eduardo Kisiel, Administrador Apostólico da arquidiocese de Bialystok, por ter confiado a custódia do santuário aos salesianos, e também aos Padres Dominicanos pela herança que legaram.

Valho-me deste significativo momento para render homenagem filial de gratidão a Nossa Senhora por tantas graças concedidas e particularmente pela dádiva de numerosas vocações entre as famílias da população local. Recomendo-me a mim mesmo e a Família Salesiana da Polónia e das nações vizinhas à poderosa proteção da Virgem de Rózanystok.

Aprez-me lembrar nesta oportunidade que um dos documentos do brevíssimo pontificado de João Paulo I foi justamente o decreto de 20 de setembro de 1978 a D. Kisiel, pelo qual ele autorizava a coroação do quadro da miraculosa Nossa Senhora das Graças do santuário de Rózanystok, confiado aos salesianos.

A devoção à Mãe de Deus neste lugar teve início em 1658 e faz parte da história desta região oriental da

Polónia, dos seus habitantes, da sua religiosidade e cultura, dos seus sofrimentos e das suas lutas pela liberdade nacional e religiosa. Para cá vinham os católicos dos dois ritos: o latino e o grego, e também os próprios ortodoxos, porque a profunda devoção que nutriam pela Mãe do Salvador era comum a todos.

O santuário, florescente sob os cuidados dos Padres Dominicanos, depois da ocupação nazista passou para as mãos dos ortodoxos durante aproximadamente meio século. A partir da época da reconquista da independência da nação polonesa, em 1919, dele tomaram conta os salesianos.

E aqui, sob o olhar materno da taumaturga Nossa Senhora, eles tinham aberto uma escola e um seminário menor, e as Filhas de Maria Auxiliadora haviam colocado o seu primeiro noviciado. Agora ficaram os salesianos como guardiões do santuário e como pastores do povo local e dos numerosos peregrinos.

Permiti-me agora fazer uma menção a uma projeção de esperança. Em Lusaca, capital de Zâmbia, no coração da África negra, nos anos 1956-1957 o padre Vicente Cichecki, jesuíta, com a ajuda do povo africano e dos emigrados poloneses dos Estados Unidos construiu um templo dedicado justamente a Nossa Senhora de Rózanystok. Pois bem: agora o irmão do padre Cichecki, o nosso P. Casimiro, salesiano, prepara-se para guiar uma expedição missionária de nada menos que treze salesianos da vossa pátria

exatamente em Zâmbia. Que Nossa Senhora lhes seja Mestra e Guia!

Além do mais, tenho aqui dentro de mim um pensamento persistente e uma necessidade irresistível do coração. Venho de Roma e trago comigo o amor e a preocupação pelo Papa, o vosso grande concidadão, bispo da Cidade Eterna e Pastor universal da Igreja católica. Ele é de certo modo o símbolo da vossa Pátria! Tem sido alvo de ataques, a sua vida muito tem sofrido com isto: agora está se recuperando e carrega bem alta a bandeira da dignidade do homem, porque é um grande profeta do mistério de Cristo. Lembremo-nos, portanto, do papa João Paulo II, recomendemo-lo a Nossa Senhora, sejamos fiéis ao seu ministério de sucessor de Pedro.

E concluo: dirijo minha respeitosa saudação ao Episcopado polonês, ao clero, aos religiosos e às religiosas, a todos os fiéis, e aos peregrinos, às Filhas de Maria Auxiliadora, aos Cooperadores Salesianos, aos Ex-alunos e Amigos todos de Dom Bosco.

Edificado e reconhecedor da vossa devoção mariana, externo um vivo agradecimento pela vossa benevolência e generosidade para com os salesianos, e auguro copiosos dons e incessante e eficaz proteção de Maria Santíssima Auxiliadora à numerosa Igreja que peregrina na Polônia e à vossa corajosa e bela pátria.

Viva Maria! Viva a Polônia!

5.2 Cardeal Augusto HLOND, primeiro centenário do seu nascimento

Caro Inspetor (P. Mieczyslaw Kaczmarzyk, Inspetor de Cravóvia).

Uma saudação a ti e aos irmãos salesianos de Oswiecim.

Escrevo-vos a propósito do nosso caríssimo cardeal Augusto HLOND.

Celebramos o I centenário do seu nascimento: 5-7-1881. É uma data que merece destaque.

Hoje, ela evoca quase que espontaneamente o seu grande sucessor recentemente desaparecido, o cardeal Estêvão WYCHINSKI.

Parece-nos que estes dois eminentes Pastores não podem ser separados entre si.

Embora tenham vivido e atuado em tempos e situações diferentes, eles igualaram-se na mesma preocupação pela Igreja e pelo mesmo amor pátrio. Cabe aos estudiosos fazer destacar os traços que permitiram a continuidade da obra em que se sucederam.

As celebrações centenárias, porém, chamam especialmente a atenção para a figura do nosso benemérito irmão Augusto HLOND, testemunha do mistério de Cristo em tempos difíceis.

Ele foi o primeiro Administrador Apostólico polonês da Alta Silésia e sucessivamente também primeiro bispo; depois foi arcebispo de Gniezno e Poznán, Primaz da Polônia, cardeal da Igreja romana.

Cada um destes títulos honoríficos exigiu dele um rigoroso empenho que ele soube manter e testemunhar.

Filho duma numerosa família da Alta Silésia, desde a casa paterna pôde receber uma profunda educação cristã, aprendendo a sacrificar a si mesmo. Com a idade de doze anos foi a Turim onde, junto com outros jovens patricios, iniciou os seus estudos na nossa Casa de Valsálce, continuando-os depois

em Lombriasco e enfim em Foglizzo. Aqui recebeu a vestidura clerical das mãos do Bem-aventurado P. Rua, aos 12-11-1896.

Ordenado sacerdote em Cracóvia aos 23-9-1905, iniciou o seu ministério em sua pátria, educando a juventude polonesa na fé em Cristo e no amor à sua terra.

Este engajamento apostólico pela sua gente lhe caracterizará toda a vida.

Não se tratava evidentemente de chauvinismo, mas do respeito pelo homem, mutilado da sua terra e privado dos seus bens culturais e materiais.

Aliás, este empenho do salesiano Augusto Hlond não era senão o programa de São João Bosco, o qual visava formar "bons cristãos e honestos cidadãos".

A estatura espiritual do cardeal Augusto Hlond cresceu na base do moto de Dom Bosco: "Da mihi animas, coetera tolle", usando como meios privilegiados o amor pela Eucaristia, pela Virgem Maria auxílio dos cristãos e pelo Papa, num clima global de alegria e de esperança.

Quanta coisa não teríamos que dizer, se o tempo o permitisse, a respeito de cada ponto deste programa!

Limite-me apenas à devoção pela Virgem Maria, tão cara a todo o povo da Polónia.

As palavras proféticas que o cardeal Hlond pronunciou no leito de morte — "A vitória, quando vier, será a vitória de Maria" — refletem todo o seu coração mariano, confiante no materno auxílio de Nosso Senhora.

O moto "Totus Tuus", do grande atual papa polonês, João Paulo II, já familiar a todos, parece uma

consoladora realização do testamento espiritual do cardeal Augusto Hlond.

Ele foi justamente a esta devoção mariana que, por sua vez, referiu-se — também ele no seu leito de morte — o cardeal Estêvão Wychinski, dizendo: "Como o cardeal Hlond, assim também eu, tudo confiei a Maria Santíssima..." (16-5-1981).

Pensando nesta herança espiritual, devemos fazer o propósito de aprofundá-la e relançá-la com atualidade para o bem de todos.

As celebrações centenárias do nascimento do cardeal Augusto Hlond, que se realizam em Oswiecim, oferecem portanto uma ocasião propícia para um aprofundamento da sua personalidade, que nasceu e cresceu justamente pela grandeza de sua pátria, pela vitalidade da fé católica e pelo ideal educativo de São João Bosco.

O Primaz da Polónia, cardeal Augusto Hlond, permanecerá sempre na história da Igreja e da Polónia uma figura estupenda de Pastor, de Sacerdote, de Patriota, de Guia seguro do povo da Polónia, voltado para os ideais mais autênticos de liberdade e de fé cristã.

Tornai-vos fautores do seu conhecimento.

Não quero encerrar esta minha carta sem fazer uma filial alusão ao Santo Padre.

Rezemos pelo nosso Papa, testemunha de fidelidade, de perdão, de coragem e de grande solicitude pelo homem de hoje.

Cordiais saudações a todos.

Fraternalmente no Senhor.

Roma, 24 de junho de 1981.

P. Egidio Viganó

5.3 "Acta Hlondiana"

Caro Inspetor,

Uma cordial saudação a ti e aos membros do Instituto de HISTÓRIA DA IGREJA junto à UNIVERSIDADE CATÓLICA DE LUBLIN.

No próximo mês de julho comemora-se o 1.º centenário do nascimento do cardeal Primaz Augusto HLOND, em 5-7-1881.

Sou de opinião que a ocorrência nos deve sugerir interesse e reflexão sobre a figura deste grande filho da Polónia e de São João Bosco.

Formando-se na escola de Dom Bosco em Turim, berço da vida salesiana, soube captar do apóstolo da juventude tudo o que se refere à salvação das almas.

Quando voltou à pátria, desenvolveu inicialmente com zelo incansável o seu apostolado no campo salesiano.

A sua vida decorre num contexto histórico particularmente singular, mas complexo, e a sua atividade não pode ser considerada sem lembrar o que aconteceu do ponto de vista social, cultural e político, porque a dimensão pastoral foi consideravelmente condicionada pelas circunstâncias sócio-económicas, culturais e políticas.

Em 1922 Pio XI o nomeou primeiro Administrador Apostólico polonês da Alta Silésia, da qual é designado primeiro bispo em 1925.

Em 1926 o próprio Pio XI transfere-o para Katowice para as sedes arquiepiscopais de Gniezno e Poznań, e assim torna-se também o Primaz da Polónia.

Nesses anos, enquanto a Europa tem que curar as feridas da primeira guerra mundial — 1915-1918

— a Polónia deve lançar os alicerces para a sua existência como nação independente.

São os anos da sua — por assim dizer — "ressurreição para a política", reconquistada depois de mais de cem anos de ocupação, pelo que ficara praticamente apagada do mapa geográfico.

Infelizmente, a Polónia só gozará desta sua liberdade durante uns vinte anos.

Em 1939, depois de estourar a segunda guerra mundial — 1939-1945 —, ela assistirá, impotente, porém não resignada, a um verdadeiro holocausto dos seus filhos mortos nos campos de extermínio, em tantos e diferentes fronteiras. Os fautores do conflito mundial bem que gostariam de ver também o cardeal Hlond entre as vítimas.

Terminada a guerra, o Primaz da Polónia volta do exílio e empreende a organização da vida eclesial na Polónia, dentro das suas atuais fronteiras.

A sua agenda é extraordinariamente rica de atividades e iniciativas. Prova disto é o volumoso documentário que passou a fazer parte da historiografia polonesa sob o nome de "Acta Hlondiana" (até hoje, LXXX volumes datilografados), do qual cuidou com grande diligência o nosso irmão P. Estanislau Kosinski, o professor de história da Igreja no estudantado teológico de Lad.

Com efeito, é com base neste material que já podem surgir diversas pesquisas, teses e dissertações doutorais, para confirmar a atualidade do pensamento do cardeal Hlond.

Uma das suas particulares benemerências, que merece uma lembrança especial, é a fundação da

Congregação "Societas Christi pro Emigrantibus Polonis".

Trata-se duma obra que caracteriza muito bem o coração pastoral do Primaz, o qual não quis que "as almas dos patricios emigrados se perdessem no exílio".

Além disso, não posso esquecer o empenho com que se fez promotor da Ação Católica, tão cara ao papa Pio XI; o interesse que teve pela família e pela juventude polonesa bem como pela situação dos operários.

Devo também destacar a sua obra em favor da Polónia martirizada, quando ele mesmo, nos anos 1939-1945, quis compartilhar a sorte de tantos refugiados poloneses.

Mas, quantos outros aspectos da sua atividade se deveriam ainda indicar e investigar!

A iniciativa dum "simpósio" na Universidade Católica de Lublin, dedicado à inesquecível figura e ao pensamento teológico, pastoral e social do cardeal primaz Augusto HLOND, inscreve-se por direito na quele clima de atualidade que ainda conserva a lembrança deste benemérito filho da Polónia.

Faço votos que saibais aproveitar esta comemoração para um relançamento sempre mais vivo e construtivo do apostolado eclesial, e também salesiano, para o povo polonês.

Rezemos juntos pelo Papa: que o Senhor restitua logo este vosso preclaro concidadão ao afeto de quantos acreditam nele e na sua obra, e ouçam e acolham o seu magistério de Vigário de Cristo.

Fraternalmente em Dom Bosco,
Roma, 24 de junho de 1981

P. Egidio Viganó

5.4 Projeto África

Umhas breves atualizações em algumas novas presenças na África, em execução do "Projeto África".

ANGOLA: Os irmãos do Brasil e do Uruguai, destinados a Dondo e Luena, continuam aguardando a permissão para entrar em Angola. Entrementes, porém, estão desenvolvendo um apostolado comunitário e missionário numa região da Inspeção de Recife, precisamente na arquidiocese de MACEIÓ.

BENIN: A Inspeção de Bilbao está para enviar um terceiro irmão à nova comunidade de Lokossa.

ETIÓPIA: A Inspeção lombardo-emiliana está estudando seriamente a possibilidade de um compromisso missionário entre os animistas do Sidamo.

LIBÉRIA: Depois duma recente visita do Inspetor de Oxford à Monróvia, aos quatro irmãos que ali já trabalham, a eles juntou-se outro Coadjutor. Já foi destinado para a Monróvia um Diretor que está para terminar o seu sexênio numa das maiores escolas da Inspeção; assim, no curto espaço de dois anos, 6 irmãos acham-se engajados na nova missão liberiana.

MADAGASCAR: Nestes dias, tivemos a visita do bispo de Ambanja, o qual veio agradecer ao Reitor-Mor o envio dos dois irmãos da Inspeção meridional que já chegaram à sua diocese. A Inspeção siciliana está ultimando os preparativos para enviar quatro irmãos à diocese de Tulear, dentro do mês de novembro deste ano. Em prazo curto, o Inspetor da Inspeção romano-sarda e o Vice da Inspeção vêneta-leste visitarão algumas dio-

ceses malgaxes com vistas a compromissos missionários que as duas Inspetorias pretendem assumir.

MALI: O Inspetor de Valência (Espanha) propõe ao Reitor-Mor a abertura de duas missões, uma em Tuba, na diocese de San, e outra na cidade de Sikasso, na diocese homônima.

NIGÉRIA: Os Inspetores da Insp. subalpina e da novarense-helvécio pretendem visitar este país no mês de julho para examinar *in loco* vários pedidos feitos por alguns prelados.

QUÊNIA: Aos 24 de maio deste ano três irmãos indianos tomaram oficialmente posse da paróquia missionária e semidesértica de Korri, na diocese de Marsabit.

SENEGAL: A Inspetoria de León pretende enviar outros quatro irmãos para iniciar uma terceira fundação.

TOGO: Os Inspetores de Córdoba e Sevilha estão programando uma visita ao Togo, onde de Lomé e Sokodé vêm repetidos pedidos por uma presença salesiana.

ZÂMBIA: A partir do mês de setembro, treze irmãos poloneses farão cursos de inglês na Inglaterra para preparar-se para uma missão na Zâmbia, em 1982.

Outra Inspetoria italiana externou o desejo de aceitar a responsabilidade de alguma nova fundação na África, e o Conselheiro para as Missões dentro em breve terá um encontro com o Conselho inspetorial a fim de ajudá-lo na escolha da nação.

O Inspetor de Bombaim programou uma visita à África para o

mês de julho, quando poderá fazer uma primeira avaliação das cinco novas presenças dos quinze irmãos indianos que se acham no Quênia, na Tanzânia e no Sudão. Ao mesmo tempo examinará outras propostas que recentemente nos foram feitas.

O P. Arrigo Rasmussen está realizando sua última viagem à África e atualmente se acha na Etiópia, depois de ter visitado a Guiné Espanhola e o Zaire. A sua presença é muito importante e necessária no momento em que todas as novas presenças do "Projeto África" devem encontrar a sua segura e sólida impostação.

Parece-nos poder afirmar, embora com a prudência exigida pelas proporções do nosso compromisso africano, que as coisas andam bem, com a bênção do Senhor, a proteção de Maria Auxiliadora e a generosidade verdadeiramente elogiável das Inspetorias e de cada um dos irmãos.

5.5 Nomeações

Novos Inspetores

1. Para as Ilhas Filipinas:

P. Lázaro REVILLA

Nasceu na província de Burgos, na Espanha, a 7 de maio de 1939. Entrou na Congregação salesiana em Mohernando, em 1955. Foi ordenado sacerdote em Salamanca, em 1965. Depois de licenciar-se em teologia, partiu para as Filipinas onde recebeu o mandato de Mestre dos Noviços e passou a fazer parte do Conselho inspetorial. Desde 1976 era Vice-inspetor e Diretor do centro inspetorial de Makati.

2. *Para a Irlanda:*

P. José HARRINGTON

Nasceu na Irlanda aos 8 de janeiro de 1933 e com 22 anos ingressou na Congregação salesiana. Recebeu a ordenação sacerdotal em Warrenstown, em 1968. Laureou-se em ciências agrícolas, foi Diretor do centro agrário de Pallaskenry e membro do Conselho inspetorial. Em 1979 foi nomeado Ecónomo inspetorial. Fazia um ano que residia na UPS de Roma para fazer um curso de atualização pastoral.

3. *Para o Norte da França:*

P. Ivo LE CARRÈRES

Natural de Kerfot (Costa do Norte, França), emitiu os votos religiosos na Congregação salesiana aos 24 anos, em 1952. Ordenado sacerdote em Paris em 1960, foi alguns anos professor e animador do centro escolar de Saint Dizier, membro do Conselho inspetorial e, durante três anos, Diretor da escola profissional de Giel. A nomeação para Superior da Inspeção do Norte da França lhe chegou enquanto era professor e Presidente do Liceu Clássico de Saint Dizier.

4. *Para a Holanda:*

P. Nico MEIJER

Nasceu em Groningen (Holanda) em 1940 e aos 18 anos tornou-se salesiano. Ordenado sacerdote em Oud-Heverlee em 1967, laureou-se em filosofia na Universidade de Nimega e depois foi durante cinco anos vice-pároco e membro do Conselho inspetorial. A partir de 1979 era também Diretor do centro juvenil de Rijswijk.

5.6 Solidariedade fraterna

(36.º relatório)

a) INSPETORIAS QUE ENVIARAM AS OFERTAS

AMÉRICA LATINA

Equador — Quito L. 10.300.000

AMÉRICA DO NORTE

Estados Unidos —
oeste 6.625.000

EUROPA

Alemanha — Colônia 4.850.000

Alemanha — Colônia
(para a África Central: Goma) 2.450.000

Itália — Chioggia 1.000.000

Itália — Frascatti
(Lituanos) 500.000Itália — Génova —
Sampierdarena 500.000

Itália — Údine 900.000

Itália — Salesianos
do Vaticano 500.000

Itália — N. N. 340.000

Oriente Médio —
Cremsan 1.000.000Oriente Médio —
Makalé 400.000

Portugal — Lisboa 1.125.000

Espanha — Bilbao 1.500.000

Espanha — León 1.000.000

Espanha — Córdoba 4.000.000

Total das ofertas recebidas entre

14-2-1981 e 12-6-1981 36.990.000

Fundo de caixa anterior 44.819*Soma disponível em*

12-6-1981 37.034.819

b) DISTRIBUIÇÃO DAS SOMAS
RECEBIDAS

ÁFRICA

Africa Central — Lubumbashi: para Curso de Formação Permanente	L. 1.000.000
Africa Central — Lubumbashi: para inválidos e surdos-mudos	2.000.000
Africa Central — Goma: para uma nova escola profissional	2.450.000

AMÉRICA LATINA

Antilhas — Haiti: para os pobres do Brooklyn	800.000
Antilhas — Mao: para estudantes pobres	1.000.000
Argentina — Buenos Aires: para Curso de Formação Permanente	1.000.000
Argentina — Bahía Blanca: para Curso de Formação Permanente	500.000
Argentina — Bahía Blanca: para assistência	200.000
Argentina — Bahía Blanca — Esquel: para índios pobres	500.000
Argentina — Bahía Blanca — Chos Malal: para índios pobres	500.000
Argentina — Bahía Blanca — Malleo	

— FMA: para índios pobres	500.000
Argentina — Bahía Blanca — Junín de los Andes: para índios pobres	500.000
Argentina — Córdoba: para Curso de Formação Permanente	500.000
Argentina — Rosario: para Curso de Formação Permanente	1.000.000
Brasil — Belo Horizonte: para Curso de Formação Permanente	500.000
Brasil — Campo Grande — Corumbá: móveis para uma capela da paróquia	1.000.000
Brasil — Porto Alegre: para Curso de Formação Permanente	500.000
América Central — San Salvador: para Curso de Formação Permanente	500.000
Colômbia — Bogotá: para despachos de medicamentos	762.796
Equador — Quito — Macas: para o serviço aéreo pelos enfermos, catequistas etc.	1.000.000
México — México: para Curso de Formação Permanente	500.000
Paraguai — Assunção: para Curso de Formação Permanente	900.000
Peru — Lima: para Curso de Formação Permanente	900.000

94 ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

Uruguai — Montevidéu — Canelones: à Inspetoria para uma capela	500.000	Coréia — Seul: para Curso de Formação Permanente	900.000
		Tailândia — Bangkok: para curso de Formação Permanente	900.000
ÁSIA		EUROPA	
Filipinas — Manila — Papua: para o Internado de Arai-miri	800.000	Iugoslávia — Ljubljana: para Curso de Formação Permanente	500.000
Filipinas — Manila: para os favelados de Tondo	800.000	Iugoslávia — Zagreb — para Curso de Formação Permanente	500.000
Índia — Bangalore: para um filme Super 8	121.000	Polónia — Pila: para Curso de Formação Permanente	500.000
Índia — Bombaim: para Curso de Formação Permanente	500.000	Portugal — Timor: para o internato de Fatumaca	800.000
Índia — Gauhati: para o P. Med	1.500.000	Irlanda — África do Sul: para a escola dos negros	2.000.000
Índia — Gauhati — para curso de Formação Permanente	900.000	<i>Total das importâncias distribuídas entre 14.2.1981 e 12.6.1981</i>	37.033.796
Índia Gauhati — Haflong: para uma nova escola missionária	1.000.000	<i>Saldo em Caixa</i>	1.023
Índia — Gauhati — Rangblang: para um novo internato	500.000	<i>Total em liras</i>	37.034.819
Índia — Gauhati — Sojong: para material catequético	1.000.000	c) MOVIMENTO GERAL DA SOLIDARIEDADE FRATERNAL	
Índia — Madras: para Curso de Formação Permanente	1.800.000	<i>Quantia recebida até 12.6.1981</i>	1.167.506.507
Índia — Madras — Koviloor: para um poço	1.500.000	<i>Soma distribuída na mesma data</i>	1.167.505.484
Índia — Madras — Poonamallee: para um novo Centro catequético	1.000.000	<i>Saldo em Caixa</i>	1.023

5.7 Irmãos falecidos

“Conservamos a lembrança de todos os irmãos que repousam na paz de Cristo. Trabalharam em nossa Congregação, e muitos ainda sofreram até o martírio... Sua lembrança é para nós estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão” (Const. art. 66).

L Aceto Iginio (ILE) a. 82	* Camagna (Alessandria) Castel de' Britti (Bologna) † La Spezia	9.02.99 1.11.24 17.04.81
P Arévalo José (ABA) a. 57	* Buenos Aires (Argentina) Morón (Argentina) Córdoba (Argentina) † Buenos Aires (Argentina)	8.11.23 31.01.45 1.08.54 15.12.80
P Bader Hans (GEM) a. 33	* Untereg (Germania) Ensdorf (Germania) Benediktbeuern (Germania) † Buxheim (Germania)	6.01.48 15.08.67 29.06.78 3.03.81
P Bellone Virgílio (ISU) a. 73	* Costigliole (Asti) Foglizzo (Torino) Cuneo † Torino	6.12.07 4.10.24 9.07.33 26.03.81
P Brambati Martino (ILE) a. 57	* Fossarmato (Pavia) Montodine (Cremona) Monteortone (Padova) † Bologna	10.12.23 16.08.41 29.06.53 27.03.81
P Brancalion Alfredo (IVO) a. 88	* Villamarzana (Rovigo) Ivrea (Torino) Verona † Schio (Vicenza)	20.08.92 13.06.20 27.02.26 13.11.80
P Cazzola Luigi (IAD) a. 75	* Savona Strada Casentino (Arezzo) Hong Kong † Macerata	5.06.05 22.09.28 15.06.35 9.01.81
P Chalonneau Marcel (FPA) a. 72	* St. Aubin de Luigné (Francia) Binson (Francia) Angers (Francia) † Giel (Francia)	29.01.09 13.09.35 8.10.39 13.02.81
P De Censi Ferruccio (ILE) a. 59	* Berbenno (Sondrio) Montodine (Cremona) Monteortone (Padova) † Arese (Milano)	29.03.22 1.09.38 29.06.48 13.04.81
P Denault Napoléon (SUE) a. 71	* Montreal (Canada) Sonada (Índia) Shillong (Índia) † Montreal (Canada)	28.07.09 8.12.43 7.08.49 26.12.80

P Gais Ottone (ABB) a. 77	* Schramberg (Germania)	23.10.03
	Ensdorf (Germania)	15.08.27
	Ramos Mejía (Argentina)	22.12.34
	† Bariloche Argentina)	20.04.81
P Gallaverna Antonio (ILT) a. 63	* Fossano (Cuneo)	5.11.17
	Varazze (Savona)	9.11.33
	Genova	3.06.44
	† La Spezia	21.03.81
P Gallo Luigi (SUO) a. 78	* Vinzaglio (Novara)	14.12.02
	Villa Moglia (Torino)	1.10.32
	Padova	29.06.40
	† Bellflower (USA)	5.02.81
P Grena Luigi (ICE) a. 67	* Ricaldone (Alessandria)	29.10.13
	Villa Moglia (Torino)	18.09.31
	Torino	2.06.40
	† Torino	11.03.81
P Joyeusaz Marcello (ICE) a. 78	* St. Pierre (Aosta)	31.12.03
	Ivrea (Torino)	4.10.21
	Casale Monferrato (Aless.)	29.06.30
	† Colle Don Bosco (Asti) <i>Fu Ispettore per 5 anni</i>	5.04.81
L Lomazzi Massimo (RMG) a. 64	* Gravellona (Novara)	28.05.16
	Villa Moglia (Torino)	12.09.34
	† Roma	14.02.81
P Lorenzo Abraham (SCO) a. 77	* Aldeávilva (Spagna)	10.06.04
	S. José del Valle (Spagna)	13.09.23
	Sevilla (Spagna)	27.12.32
	† Ronda (Spagna)	5.03.81
P Lovato Vittorio (BCG) a. 87	* Schio (Vicenza)	15.06.93
	Torino	1.08.12
	Torino	20.07.24
	† Guiratinga (Brasile)	7.11.80
L Martín Antonio (SVA) a. 81	* Casas del Puerto (Spagna)	18.01.900
	Madrid (Spagna)	24.07.19
	† Cabezo de Torres (Spagna)	11.01.81
L Melani Giuseppe (IME) a. 59	* Napoli	17.08.21
	Portici (Napoli)	21.08.44
	† Napoli	15.02.81
P Miotti Serafino (IME) a. 75	* Cassacco (Udine)	8.07.06
	Este (Padova)	18.09.26
	Torino	7.07.35
	† Napoli	2.03.81

P Murray Michael (FIL) a. 81	* Abbeyside (Irlanda)	26.11.99
	Oxford (Gran Bretagna)	16.09.22
	Cape Town (Sud Africa)	16.12.28
	† Port Law (Irlanda)	14.01.81
P Pairel Albert (FLY) a. 79	* Cornillé (Francia)	25.11.01
	Château-d'Aix (Francia)	29.09.21
	Carthage (Tunisia)	2.02.30
	† La Crau (Francia)	6.03.81
P Pellegrino Pietro (SUE) a. 91	* Chiusa Pesio (Cuneo)	18.11.89
	New Rochelle (USA)	29.08.25
	New York (USA)	7.06.30
	† New York (USA)	21.12.80
P Perro Pierre (FPA) a. 67	* Guingamp (Francia)	13.06.13
	Binson (Francia)	22.09.31
	St. Brieuc (Francia)	6.04.42
	† Grentheville (Francia)	21.02.81
P Pian João (BCG) a. 82	* Chiopris (Udine)	20.04.98
	Ivrea (Torino)	1.02.21
	Torino	10.07.27
	† Campo Grande (Brasile)	15.10.80
L Romero Vicente (ACO) a. 72	* La Rioja (Argentina)	5.01.09
	Bernal (Argentina)	29.01.27
	† Mendoza (Argentina)	12.12.80
P Ruggeri Antonino (PAR) a. 78	* Trecastagni (Catania)	12.02.03
	San Gregorio (Catania)	1.05.19
	Catania	27.01.29
	† Asunción (Paraguay)	24.03.81
P Schneidberger Martin (GEM) a. 75	* Operpriel (Germania)	26.10.05
	Ensdorf (Germania)	15.08.29
	Benediktbeuern (Germania)	4.07.37
	† Bamberg (Germania)	9.02.81
P Semela Josef (CEP) a. 78	* Luhacovice (Cecoslovacchia)	25.09.02
	Arequipa (Perù)	24.01.29
	Lima (Perù)	15.08.37
	† Senohrad (Cecoslovacchia)	18.02.81
L Timmermans Wim (OLA) a. 65	* Amersfoort (Olanda)	8.03.14
	Ugchelen (Olanda)	16.08.43
	† Hoog Soeren (Olanda)	2.02.81
P Tomanik Maurilio (BSP) a. 81	* Jundiaí (Brasile)	7.05.900
	Lavrinhas (Brasile)	28.01.22
	Torino	6.07.30
	† Americana (Brasile)	2.04.81
P Vallero Domingos (BCG) a. 64	* Foglizzo (Torino)	26.07.16
	Cuiabá (Brasile)	29.01.35
	São Paulo (Brasile)	8.12.44
	† Alto Araguaia (Brasile)	24.05.80

P Wojcicki Simon (CIL) a. 75	* Lysobyki (Polonia)	28.10.05
	Klecza Dolna (Polonia)	12.08.24
	Torino	8.07.34
	† Santiago (Cile)	6.02.81
P Willmuth Adolf (GEK) a. 76	* Alt-Forweiler (Germania)	15.09.04
	Ensdorf (Germania)	15.08.27
	Benediktbeuern (Germania)	7.07.35
	† Fulda-Sannerz (Germania)	23.02.81
L Zodo Fulvio (MOR) a. 69	* Campagnola (Padova)	31.03.12
	Cremisan (Israele)	6.11.31
	† Cairo (Egitto)	16.03.81

)

Composto e Impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Caixa Postal 30.439
Fone: (011) 279-1211 (PABX)
Telex: (011) 32431 ESPS BR
SÃO PAULO
